



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas
Públicas - FACE
Departamento de Gestão de Políticas Públicas - GPP

**A REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS (RUAS): MUDANÇAS E
CONTINUIDADES NO CONTEXTO PANDÊMICO NA CEILÂNDIA/DF**

CAIO CÉSAR DE OLIVEIRA ANDRADE

Brasília - DF
2022

CAIO CÉSAR DE OLIVEIRA ANDRADE

**A REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS (RUAS): MUDANÇAS E
CONTINUIDADES NO CONTEXTO PANDÊMICO NA CEILÂNDIA/DF**

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Lopes Pereira Peres

Brasília - DF
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo caminho percorrido até o final da graduação, certamente sem ele seria mais complicada a caminhada. Em segundo, gostaria de deixar minha eterna gratidão aos meus pais, Maria da Paixão e Getúlio Andrade que sempre me apoiaram nas minhas decisões profissionais e pessoais.

Agradeço também à minha professora orientadora, Dra. Janaina Lopes Pereira Peres, que acreditou na minha pesquisa e me auxiliou com toda dedicação. Ela é um ser humano excepcional, sempre presente com orientações que fazem total diferença para a evolução da pesquisa, uma profissional qualificada que ama sua profissão.

Aos meus amigos e namorado, eu agradeço pela companhia de sempre, a vida sem amigos é muito chata de ser vivida. Foi com eles que passei boa parte da minha graduação, seria mais tempo juntos se não fosse a pandemia de Covid-19. Mas fico feliz pelo tempo que ficamos juntos na UnB e fora dela, com certeza todas as vezes que tive que correr atrás do 110.2 com a Andressa, ficarão marcadas para sempre na minha memória.

E, por último, gostaria de agradecer a mim, pela força que eu tive na minha caminhada. Apesar das dificuldades impostas pelo sistema, eu consegui ser a segunda pessoa da minha família a me formar na universidade federal. A universidade pública é para todos e desejo que cada vez mais pessoas da Ceilândia e da periferia do Distrito Federal tenham acesso à educação pública e de qualidade.

RESUMO

Esta pesquisa investigou as transformações e desafios enfrentados por movimentos sociais durante a pandemia de Covid-19 a partir do caso do Programa Jovem de Expressão (JEX), inserido na Rede Urbana de Ações Socioculturais – RUAS da Ceilândia, Distrito Federal (DF). Recorrendo à teoria da mudança em políticas públicas (*policy change*) e à história evolutiva dos movimentos sociais, que têm assumido novos formatos nos últimos anos, descrevo a situação dessa Região Administrativa do DF (RA-IX) no contexto pandêmico; reconstruo a trajetória do JEX a partir de observação em campo, entrevistas, *survey* e análise de postagens nas redes sociais; e investigo interpretativamente as transformações e continuidades percebidas por jovens e lideranças do Programa durante a pandemia. Qual o papel das experiências de base comunitária no enfrentamento de crises e na promoção de transformações? O que mudou com a pandemia? Onde está o Estado? Esse estudo revela que “pequenos” coletivos, conduzidos por atores com pouco poder e com poucos recursos, têm o potencial de promover “grandes” transformações democráticas, ainda que limitadas pela ausência do Estado, de infraestrutura e de investimentos de longo prazo.

Palavras-chaves: mudança em políticas públicas (*policy chance*); movimentos sociais; Jovem de Expressão/RUAS; Pandemia de Covid-19; Ceilândia/DF.

ABSTRACT

This research investigated the changes and challenges faced by social movements in the face of the Covid-19 pandemic, based on the case of the *Jovem de Expressão (JEX)*, inserted in Ceilândia's *Rede de Ações Socioculturais - RUAS*, Brazil's Federal District (DF). Using the theory of policy change and the evolutionary history of social movements, which have taken on new formats in recent years, I describe the situation of this Administrative Region (RA IX) in the pandemic context; I reconstruct the trajectory of JEX from field observation, interviews, surveys and analysis of posts on social media; and interpretively investigate the changes and continuities perceived by young people and Program leaders during the pandemic. What is the role of community-based experiences in dealing with crises and promoting changes? What has changed with the pandemic? Where is the State? This study reveals that 'small' collectives, led by actors with few power and resources, have the potential to promote "substantial" democratic changes, even if limited by the absence of the State, infrastructure and long-term investments.

Keywords: policy change; social movements; Jovem de Expressão/RUAS; Covid-19 pandemic; Ceilândia/DF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU)	28
Figura 2 - Comentários sobre as mudanças durante a pandemia de Covid-19 e mudanças que os jovens gostariam de ver no Jovem de Expressão	56

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Distribuição de cestas básicas realizada pela RUAS, na Ceilândia/DF (Coletivo Duca, 2020)	30
Fotografia 2 – Distribuição de cestas básicas realizada por alunos da Universidade de Brasília (UnB), no programa Jovem de Expressão, Ceilândia/DF (LAUNB, 2020).....	35
Fotografia 3 – Assembleia na Praça do Cidadão na Ceilândia – DF contra a ameaça de retirada do Galpão Cultural (Elaboração própria do autor, 2020)....	38
Gráfico 1 – A faixa etária da comunidade do Jovem de Expressão	43
Gráfico 2 – Autodeclaração dos alunos do Jovem de Expressão	44
Gráfico 3 – Autoidentificação dos alunos do Jovem de Expressão	45
Gráfico 4 – Participação em cursos ou oficinas no Jovem de Expressão	45
Gráfico 5 – Quantidade de cursos ou oficinas no Jovem de Expressão.....	46
Gráfico 6 – A frequência dos jovens nas atividades ofertadas pelo Programa.	47
Gráfico 7 – A mudança na frequência da participação dos jovens depois do início (março 2020) da pandemia de Covid-19.....	48
Gráfico 8 – A baixa frequência dos jovens na pandemia de Covid-19	48
Gráfico 9 – Contribuição na vida profissional ou acadêmica.....	50
Gráfico 10 – A atuação do Jovem de Expressão/RUAS durante a pandemia de Covid-19	51
Gráfico 11 – Na prática, quem são os atores mais importantes para a transformação socioterritorial da Ceilândia	52
Gráfico 12 – Posicionamento em relação à proposta da retomada do Galpão Cultural, prédio conquistado pelo Jovem de Expressão.....	53
Gráfico 13 – Quem será o mais afetado, caso a Administração Regional de Ceilândia consiga retomar o prédio conquistado pelo Jovem de Expressão ...	54

LISTA DE SIGLAS

CEI	Campanha de Erradicação de Invasões
CLDF	Câmara Legislativa do Distrito Federal
CODEPLAN	Campanha de Planejamento
COVID-19	Corona Vírus Disease ano 2019
DF	Distrito Federal
EAD	Ensino à Distância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GDF	Governo do Distrito Federal
JEX	Jovem de Expressão
LAUNB	Liga das Associações de Atléticas da Universidade de Brasília
LECRIA	Laboratório de Empreendimentos Criativos
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais e outros.
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PAS	Programa de Avaliação Seriada
RA	Região Administrativa
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
RUAS	Rede Urbana de Ações Socioculturais
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA DE PESQUISA	13
3 OBJETIVOS	14
3.1 OBJETIVO GERAL	14
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
4 JUSTIFICATIVA	15
5 REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1 DOS MOVIMENTOS SOCIAIS ÀS EXPERIÊNCIAS PÚBLICAS	16
5.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE	20
5.3 TEORIA DA MUDANÇA (POLICY CHANGE) APLICADA EM COLETIVOS URBANOS	23
6 METODOLOGIA	26
6.1 DESENHO DA PESQUISA	26
7 A REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS - RUAS	27
7.1 ESTUDO DE CASO: AS MUDANÇAS NA REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS (RUAS) DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	29
8 CONSTRUÇÃO DE DADOS	41
8.1 A PERCEPÇÃO DOS JOVENS, ALUNOS E COMUNIDADE DA RUAS/JOVEM DE EXPRESSÃO	42
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 é encarada como uma situação de “guerra”, um momento delicado que abre possibilidades para questionar o *status quo* e reinventar os direitos e deveres do Estado e da Sociedade. A situação problemática impõe novas formas de gestão para responder aos inúmeros problemas públicos nas áreas da saúde, economia e política (ANDION, 2020).

O país está enfrentando dificuldades com a doença e essa situação vem afetando milhares de pessoas, causando perdas e extrema vulnerabilidade social e econômica. O cenário na cidade de Ceilândia no Distrito Federal (DF) não é diferente, Segundo o boletim Radar Territórios no DF (2020), desde o começo da pandemia em março de 2020 até 25 de julho de 2020, Brasília registrou 94.187 casos de coronavírus, o que significa que aproximadamente 3% da população¹ do DF foi contaminada, e 1.275 óbitos, indicando uma taxa de mortalidade de 1,35%, Ceilândia foi a Região Administrativa (RA) com a maior taxa de infecção pelo coronavírus: 11.368 pessoas contaminadas (12% do total de casos), das quais 240 morreram (18,82% do total de óbitos), o que indica uma taxa de mortalidade de 2,11%, a maior de todo o Distrito Federal (FIOCRUZ, 2020).

Segundo pesquisa do Instituto Lowy (2021), o Brasil aparece como o último país do ranking no que diz respeito à capacidade de enfrentamento da pandemia, encontrando-se na contramão com relação à contenção do vírus. O Governo Federal, sob a liderança do presidente Jair Bolsonaro, adotou a disseminação de notícias imprecisas, vagas ou falsas como base de sua comunicação, chegando a citar que a doença era apenas uma “gripezinha” e indo contra todas as recomendações da Organização Mundial de Saúde – OMS, o que agravou ainda mais a situação do país no contexto pandêmico (TAVARES; JÚNIOR e MAGALHÃES, 2020).

Muitos fatores influenciam a baixa capacidade estatal, entre eles a dificuldade de comunicação do governo, espalhando *fake news*² para a população, as desigualdades sociais e o acúmulo de vulnerabilidade em determinados grupos e territórios (PERES et al., 2021) e a ausência de políticas públicas que levassem em

¹ De acordo com o IBGE (2021), a população do Distrito Federal é estimada em 3.094.325 pessoas.

² O sinônimo de *fake news* é *desinformação*, notícias falsas que circulam principalmente em mídias sociais (RECUERO; GRUZD, 2019).

conta a realidade específica das periferias brasileiras, a falta do desenho das políticas públicas ou estímulo dele mostrou essas comorbidades como o principal desafio da gestão pública em tempos de crise mas esse desafio precisa ser assumido com urgência “tanto no que diz respeito à produção de dados e de evidências, quanto no que diz respeito ao desenho de novos caminhos para o enfrentamento dos complexos problemas contemporâneos” (PERES, p. 37, 2021).

A falta de atuação do Estado para sociedade civil faz com que o vírus se espalhe rapidamente pelas cidades, exigindo que a população se mobilize, para garantir sua sobrevivência. Essa mobilização mostra que a participação da sociedade “oferece elementos relevantes para o debate atual sobre políticas públicas, seja no que se refere à sua institucionalização, execução e quanto ao enfrentamento das questões sociais” (BARBOSA; JACCOUD e BEGHIN, 2016, p. 373).

As incertezas da pandemia vulnerabilizam os moradores da periferia do DF em termos socioeconômicos, territoriais e socioculturais. Dentre as diversas formas de contenção do vírus impostas pelas autoridades da capital, o distanciamento social e o uso de máscaras são métodos eficazes para conter o avanço do coronavírus. Por outro lado, faltam políticas coordenadas, territorializadas com recorte etário, de raça, de gênero, etc., por parte do poder público, para frear o vírus nas periferias, diminuir a taxa de contaminação e o número de óbitos, principalmente em cidades mais populosas, como Ceilândia-DF.

A obrigatoriedade do isolamento social tem deixado ainda mais evidente as desigualdades sociais no Distrito Federal. Para trabalhadores assalariados e informais, o distanciamento social é, muitas vezes, uma impossibilidade, uma vez que significa o aumento da pobreza e da fome, gera conflitos sociais entre a sociedade e o Estado, demandando políticas elaboradas para minimizar essas duas condições que vulnerabilizam, sobretudo, moradores da periferia (MACHADO, 2020).

Além de manter trabalhadores isolados em suas casas, o distanciamento social pegou a juventude de surpresa. Segundo o levantamento da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada em 2018, residem no DF 717.377 jovens, o que corresponde a 25% da população. A Ceilândia tem a maior população jovem do DF: 112 mil pessoas entre 15 a 29 anos (CODEPLAN, 2020). O ritmo da vida acelerada dos jovens está mudando com o passar dos dias na pandemia, mas o

distanciamento ainda é um privilégio econômico, nem todo jovem que mora na periferia tem a possibilidade de cumprir essa orientação.

Entender aspectos sociodemográficos da juventude do DF é importante para conhecer seus desafios e potencialidades. A população jovem é uma grande potência de empreendedorismo, inovação, trabalho e produtividade, mas falta investimento estatal para o jovem do DF (CODEPLAN, 2020). Devido à pandemia, as oportunidades de estágio e trabalho diminuíram, a maioria das pessoas passaram a trabalhar remotamente, em suas próprias residências, e a falta de oportunidade fez com que o número de jovens que nem trabalham, nem estudam, encontrassem apenas trabalhos precarizados, com baixa remuneração e alta carga horária de trabalho, acumulando jornadas.

Neste contexto, ganham ainda mais relevância os diferentes projetos da comunidade do Distrito Federal, com foco na juventude, que tem como objetivo ocupar espaços públicos e promover mudança social para famílias e jovens da “*quebrada*”. A Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS) é uma dessas iniciativas. Uma organização que tem como objetivo principal promover a transformação social da juventude que vive nas periferias do Distrito Federal, a partir do protagonismo dos jovens, que são os principais atores da iniciativa: as lideranças são jovens, os professores são jovens, os alunos são jovens. Na RUAS, os jovens são os promotores e os beneficiários das ações, são eles que identificam os problemas, refletem sobre ele, pensam, discutem, desenvolvem, executam, avaliam, ou seja, são os responsáveis pelo ciclo completo das experiências ou políticas públicas que promovem de forma sociocêntrica (PERES, 2020).

A maioria dos jovens que frequentam as ruas de Ceilândia tem sua vida marcada pela sociabilidade que se desenvolve na rua. Na cidade, observa-se uma forte presença de grupos de jovens nas ruas, esse encontro é comum, são lugares em que eles se sentem à vontade para trocar experiências da realidade vivida na periferia. O Jovem de Expressão, projeto da RUAS, tem como um dos seus objetivos conceder um espaço em que jovens que ainda não identificaram objetivos pessoais ou profissionais, desenvolvam, por meio de ações socioculturais, a inclusão e justiça social, com foco no empreendedorismo e na ocupação saudável de espaços públicos (ANDRADE, 2007).

As ruas e praças da Ceilândia raramente são vistas vazias, elas que comportam a dinâmica dos grupos de jovens que ficam aqui e ali “*trocando uma*

ideia”, se divertindo, jogando futebol ou bebendo (ANDRADE, 2007). Mas o cenário mudou, a pandemia e os altos índices de contaminação do novo coronavírus exigiram, desde março de 2020, que os jovens da Ceilândia reduzissem sua circulação pela cidade, desocupassem as praças, pausassem seus encontros, renunciassem à cultura de frequentar as ruas e ficassem em casa. O isolamento social para milhares de jovens que enxergam nas ruas sua “liberdade” de expressão não é uma tarefa fácil e trará consequências para além da esfera privada ou individual, consequências públicas relativas a incertezas na esfera dos estudos, do trabalho, dos relacionamentos, da cultura e da saúde física e mental.

A importância do debate sobre políticas públicas para juventude se justifica na junção da democracia com a responsabilidade social devendo “ultrapassar a lógica do senso comum, pela qual se consideram as políticas públicas como um elenco de programas” (CASTRO e ABRAMOVAY, 2002). Nesse sentido, essa pesquisa se debruça sobre um programa social que poderia ser visto e interpretado como uma política pública e que assume o desafio de refletir sobre as mudanças e continuidades que o Programa Jovem de Expressão está encontrando para implementar suas ações e pensar estratégias de redução de danos em meio à pandemia, ocupando um lugar que também deveria ser ocupado pelo Estado.

Entender as transformações e mudanças que aconteceram no movimento RUAS na pandemia é essencial para o enriquecimento do debate da teoria da mudança (*policy change*), de uma perspectiva mais centrada na sociedade, nos atores “pequenos” e com pouco ou nenhum poder. Mudanças que transformam democraticamente a realidade social, cultural, econômica dos diferentes grupos e diferentes territórios, realizadas por intervenções públicas estatais e não estatais, em períodos de crises.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A participação de atores sociais na formulação de políticas tem se tornado cada vez mais relevante para estudos sociais e, mais especificamente, para os estudos em políticas públicas. Movimentos sociais são compreendidos como coletivos formados por uma “pluralidade de atores sociais, individuais e organizacionais ligados em modelos de interação, com base em identidades compartilhadas construídas mediante a relações de conflito” (CARLOS, 2015). Esses atores sociais, porém, considerados menores ou menos capazes de alterar os rumos da política ou de influenciar nos processos de políticas públicas, costumam ser invisibilizados tanto na prática das políticas públicas quanto em pesquisas no campo das políticas públicas.

Com a finalidade de contribuir com essa agenda de pesquisa - focada no papel dos movimentos e mobilizações sociais no contexto da pandemia de Covid-19, essa pesquisa se dedica ao estudo do caso da Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS), que tem como um de seus objetivos a diminuição das desigualdades socioterritoriais e econômicas, com foco no jovem da periferia. O questionamento central desta pesquisa é: O que mudou na atuação do Programa Jovem de Expressão/RUAS durante a pandemia? Que adaptações ou mudanças foram necessárias para que continuasse fazendo o papel de transformação da realidade da juventude da Ceilândia?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

O estudo realizado teve como objetivo geral investigar as mudanças da Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS), uma experiência pública interpretada como política pública, no contexto da pandemia de Covid-19.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Conhecer as consequências da pandemia de Covid-19 na Ceilândia, uma região administrativa periférica do Distrito Federal;
2. Descrever o conjunto de práticas, ações, iniciativas comunitárias do movimento Rede Urbanas de Ações Socioculturais (RUAS) no contexto da pandemia;
3. Identificar e contextualizar as mudanças e continuidades no Jovem de Expressão, durante o período pandêmico, a partir da percepção da juventude e das lideranças do Programa;
4. Problematizar o papel dos movimentos sociais (e das “sociedades em movimento”) e o lugar do Jovem de Expressão/RUAS nas transformações sociais, à luz da teoria da mudança em políticas públicas (*policy change*).

4 JUSTIFICATIVA

A reflexão acerca do movimento RUAS permite entender o motivo de atores da sociedade civil estarem desenhando e fazendo políticas públicas destinadas aos jovens de Ceilândia, seja para ocupar um vácuo deixado pelo poder público, seja por quererem ser atores de seu próprio desenvolvimento e por conhecerem as necessidades socioterritoriais da Ceilândia. Ainda que tais atores não sejam, tradicionalmente, considerados formuladores e executores de políticas públicas, programas como o Jovem de Expressão nos fazem refletir sobre sua inserção nos fluxos de políticas públicas (BOULLOSA, 2013; PERES, 2020).

No Brasil, ainda existem poucos estudos dedicados a entender os modos como são criadas as ações e políticas públicas para a juventude. E ainda menos estudos dedicados a compreender qual é o papel da própria juventude nessa construção. Segundo Sposito e Carrano (2013), essa ausência se deve, em grande parte ao fato de que o debate acerca da juventude pode ser bastante amplo e desafiador.

A Ceilândia possui inúmeras iniciativas de ações públicas e experiências públicas voltadas para a comunidade jovem da cidade, tanto devido à ausência do poder público, como também em função do deslocamento entre o poder público e a comunidade. Existem políticas públicas, mas não as políticas públicas que a juventude gostaria que existissem. O poder público está presente na Ceilândia, mas atendendo a outros interesses, fazendo com que as ações públicas produzidas pela sociedade civil comecem diante da falta de acesso à cultura, educação e lazer para o jovem, problemas reais que carecem de ferramentas de mudança social.

Diante das dificuldades enfrentadas pela pandemia, a RUAS precisou abandonar, em alguma medida, seus projetos e sua missão para realizar ações sociais filantrópicas e assistencialistas, a exemplo do que costumava ser feito por movimentos sociais como antigamente, partindo do zero e tendo que arrecadar doações de alimentos para a comunidade. Por esse motivo, é relevante que se estude a teoria da mudança, realizada por atores da sociedade civil que conseguem traçar um mapa, um objetivo e desenvolver estratégias para que ações públicas sejam implementadas para quem necessita.

Visto de forma ampla, porém, é possível perceber que a RUAS extrapola esse tipo de atuação. Entendida como uma experiência pública, pode ser interpretada em níveis por meio da análise de dados, observação, mapeamento,

interpretação e rastreamento das práticas públicas que revelam sua complexidade. É nesse sentido que Peres (2020) defende que experiências públicas como essa sejam inseridas no fluxo das políticas públicas, expandindo novas narrativas e espaços no campo das políticas públicas.

Em tempos turbulentos como a pandemia, a atuação direta da sociedade civil emerge como fenômeno fundamental no enfrentamento de problemas públicos. Para Andion (2020, p. 939) “novos movimentos sociais interpretam os atores da sociedade civil como agentes de transformações no quadro social e político mais amplo”.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para investigar o papel da sociedade civil, seja por meio de movimentos sociais institucionalizados ou de experiências públicas fluidas menos organizadas e, muitas vezes, não institucionalizadas, é necessário entender como se deu o processo histórico e a evolução dos “movimentos sociais” até chegar em novos modelos de ação e mobilizações públicas, como os coletivos urbanos, experiências públicas e redes de apoio. Em seguida, analisa-se a relação entre movimentos sociais e a teoria da mudança, compreendendo seu papel na descrição de passos desenvolvidos como estratégias desde a ideia de uma política pública, até sua implementação e execução.

5.1 DOS MOVIMENTOS SOCIAIS ÀS EXPERIÊNCIAS PÚBLICAS

A análise acerca dos movimentos sociais consiste em um debate amplo e não homogêneo que diz respeito a atores sociais engajados em processos que visam solucionar ou ressignificar suas dificuldades. Em termos gerais, movimentos sociais são compreendidos como coletivos formados pela pluralidade de atores sociais, individuais e organizacionais ligados em uma interação de ideias compartilhadas diante de relações de conflitos (CARLOS, 2015).

O debate sobre movimentos sociais é intenso no campo das ciências sociais e das políticas públicas, não existindo consenso acerca de um conceito único. Por outro lado, uma característica “comum” dos movimentos é o “fato de se poder fazer parte deles, sentindo-se, envolvidos em uma ação coletiva, sem ter de automaticamente aderir a uma organização específica” (MIDDLEJ E SILVA, 2010).

Historicamente, a origem dos movimentos sociais transcorre o Brasil Colônia (1530-1822) e o Brasil Império (1822-1889), motivados por razões políticas, religiosas e econômicas. Para Nunes, Peres e Silva (2019), cada “era” significou um momento na história dos movimentos sociais. No final da Primeira República (1920-1930), por exemplo, o movimento operário dividiu-se, principalmente, em movimentos anarco-sindicalistas, que reivindicavam leis trabalhistas, maior proteção para mulheres e a jornada de oito horas trabalhadas; e movimentos associados ao tenentismo, movimento militar que lutava pela centralização do poder na mão dos militares.

Ao longo de toda a história republicana do Brasil, a sociedade e os movimentos sociais refletiram conflitos ideológicos e políticos, indicando sua forte dimensão na política. Na divisão entre esquerda e direita, a esquerda comandou a luta contra a ditadura militar, reunindo as lutas dos estudantes e jovens do Brasil.

A partir dos anos 2000, os movimentos tornaram-se cada vez mais globais e passaram a questionar as consequências da onda neoliberal que marcou, sobretudo, as décadas de 1980 e 1990 no Brasil. Tornaram-se mais comuns as lutas contra o grande capital, as crescentes desigualdades sociais e econômicas, que se traduziram em movimentos de ocupação do espaço público (inspirados no *Occupy Wall Street*), movimentos de luta por moradia e na defesa do meio ambiente, além de movimentos identitários, problematizando a heteronormatividade e a branquitude dos movimentos sociais. Vimos, nesse período, proliferar o número de grupos, de diferentes espectros políticos, que resultaram na coexistência (nem sempre pacífica) entre grupos que lutam pelos direitos de pessoas LGBTQIA+ com aqueles que defendem os costumes da “família tradicional brasileira”, constituída por pais heteronormativos (NUNES; PERES e SILVA, 2019).

Movimentos sociais de caráter conservador tiveram um aumento considerável a partir das eleições de 2018, que culminaram na escolha do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, alinhado a pautas de extrema direita. Nas redes sociais, no cotidiano e no âmbito de manifestações sociais recentes, é comum escutar posicionamentos a favor da ditadura, de intervenções militares, do golpe de Estado, além de movimento de oposição a manifestações culturais e à educação pública para todos, por exemplo (SOUSA, 2019).

A juventude, muitas vezes em busca de liberdade, esteve contra os padrões políticos e sociais impostos pelo Estado. Na maior parte das vezes, esses jovens

formavam grupos clandestinos que protagonizaram diversos movimentos sociais na década de 1960 (NUNES; PERES e SILVA, 2019). O papel dos jovens na sociedade em reivindicar seus direitos foi fundamental para que novas formas de movimentos, expressões sociais e públicas surgissem.

O que importa ressaltar nesta pesquisa, é a relação intrínseca entre movimentos sociais e políticas públicas ao longo da história brasileira e a evolução dos movimentos sociais, que se tornam cada vez mais difusos, mais orgânicos, mais plurais e que geram, cada vez mais, consequências difíceis de acompanhar e de medir. Um dos “principais desafios deste campo de estudos tem sido construir ferramentas analíticas que nos permitam descrever esses processos e explicar mudanças ocorridas ao longo do tempo” (TATAGIBA; ABERS e SILVA, 2018). Esse processo de criação de políticas públicas também conta com a participação de atores não governamentais que implementam políticas eficazes para sociedade.

Ampliar o entendimento acerca dos movimentos sociais e de sua relação com a mudança das políticas públicas contribui com a ampliação do campo de estudos das políticas públicas, que nos permita imaginar as consequências e os possíveis ganhos de diversas “experiências públicas” (PERES, 2020), muitas vezes invisibilizadas pelo Estado, neste campo. Ao falar em “experiências públicas”, Peres (2020) não propõe a substituição do conceito de ‘política pública’ pelo conceito de ‘experiência pública’, mas propõe a promoção de:

deslocamentos do olhar: de uma perspectiva estadocêntrica (que entende política pública como ‘aquilo que o Estado faz’) para uma perspectiva radicalmente sociocêntrica (que entende que política pública é, também, ‘tudo aquilo que nós fazemos’); de uma perspectiva centrada no debate sobre os melhores fins para uma política preocupada em imaginar outros meios; de uma política pública voltada à solução de problemas pré-estabelecidos (problem-oriented) para uma perspectiva que não seja centrada no problema, mas que seja centrada na experiência e voltada à aprendizagem (PERES, 2019, p. 73).

Castro e Abramovay (2002) também problematizam o descolamento ou desconhecimento das políticas públicas pela sociedade, que muitas vezes não participa da formulação e não acompanha criticamente a construção das agendas ou a execução de programas e políticas.

Para que novas experiências públicas sejam orientadas à experiência e não apenas ao problema, é necessário entender quais políticas e quais públicos devem ser estudados. O processo, para Peres (2019), passa por não informar ou alimentar práticas unilaterais, apreciar múltiplas formas de conhecimentos, ser contingente nas maneiras de pensar, e assumir e entender tais experiências como centrais para a transformação socioterritorial.

Experiências públicas tentam articular duas escalas importantes, quando pensamos em políticas públicas efetivas: a escala micro, das pequenas conexões e acontecimentos que acontecem nas ruas e praças, envolvendo atores pequenos e com pouco ou nenhum poder; com a escala macro, da política institucional, dos grandes atores, buscando não apenas solucionar um problema ou alcançar um objetivo apenas, mas promover uma transformação duradoura nos níveis dos valores e nas formações sociopolíticas, ela pode ser vivida de múltiplas dimensões (PERES, 2020).

Desse modo, novas mobilizações surgem por atividades de identidade, estilos de vidas, fugindo dos padrões de normalidade socioculturais, atores que lutam pelos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais. A importância desse novo modelo de experiências públicas mostra como a união de pequenos grupos constituídos por minorias transformam espaços e garantem a autenticidade nas experiências do grupo (MENDONÇA, 2013).

Para Mendonça (2013), a ideia de novos atores em novos modelos de movimentos sociais parte da expressão “sujeito coletivo” que:

indica uma coletividade na qual se elabora uma identidade e organizam-se práticas pelas quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas, de sorte que a novidade passa a ser tríplice: um sujeito (coletivo), lugares políticos novos (a experiência do cotidiano) em uma prática nova (a criação de direitos a partir da consciência de interesses e vontades próprias) (MENDONÇA, 2013, p. 77).

Ainda segundo Peres (2020), semelhante aos movimentos sociais, as experiências públicas têm seus limites e apesar de poder expressar suas vontades, liberdades e potenciais, quanto mais se afastam de atores estatais mais as experiências públicas “perdem em termos de robustez, de força, de densidade, de poder de barganha, de capacidade de financiamento, de permanência ou de

durabilidade (no tempo e no espaço) e mesmo em termos de capacidade de ação e de transformação” (PERES, 2020, p. 86).

Desse modo, poderíamos dizer que as “experiências públicas”, mesmo com as dificuldades de serem compreendidas como movimentos sociais (tradicionais), sempre existiram, desde o começo da história e vêm, mais recentemente, ganhando mais espaço, também, na Academia e nos auxiliando a ampliar esse entendimento de “movimento social” para outras formas de expressões públicas e com consequências públicas, contribuindo com a reflexão acerca de novas formas de ver, agir, de administrar problemas, contribuindo com a transformação de territórios e buscando reduzir desigualdades, inclusive em espaços de participação.

5.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE

O discurso sobre a juventude perpassa diversos conceitos, pontos de vista e ideias sobre o que é a juventude. A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos, fazendo referência a uma faixa etária, um período vivido ou uma geração (ABRAMO, 1994 apud LEÓN, 2005).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), não existe uma definição precisa de juventude, mas ela é considerada, em termos gerais, pelo grupo etário de pessoas entre 15 e 29 anos, o que corresponde a 23% da população brasileira, somando mais de 47 milhões de pessoas (IBGE, 2021).

O debate sobre a diversidade da juventude amplia ainda mais os questionamentos das potencialidades e dificuldades vividas pelos jovens. Discutir esses problemas envolve debates, pesquisas e a criação de políticas públicas voltadas para a juventude, expandindo também a democracia do país, levando em conta que depois de uma geração, existirá uma geração seguinte (CASTRO e ABRAMOVAY, 2002).

Segundo Timoteo e Oliveira (2021), a juventude é uma das mais prejudicadas no atual contexto de inércia de políticas públicas voltadas à promoção e à consolidação de direitos humanos. Os autores destacam ainda que a preocupação com a elaboração de políticas específicas para esse grupo é muito recente e que um ponto de inflexão importante foi a PEC 138/2003², voltada à proteção dos direitos econômicos, sociais e culturais da juventude, reconhecendo os jovens enquanto importantes atores sociais. Para ilustrar a inércia mencionada pelos

² <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=129219>

autores, basta verificar que a referida PEC, apresentada ao Congresso em 2003, só foi transformada em Emenda Constitucional sete anos depois, em julho de 2010 (EC 65/2010).

O estudo sobre a juventude e políticas públicas torna-se fundamental, pois, os grupos, na maioria das vezes, estão na linha de frente de demandas sociais, contribuindo e ocupando espaços compostos por minorias. As cobranças por igualdade e justiça os tornam “alvo” da violência, contribuindo ainda mais com a vulnerabilidade do jovem no Brasil (NASCIMENTO, et al., 2020).

Com intuito de conseguir exercer seu papel dentro da comunidade, coletivos urbanos feitos por jovens contam com a solidariedade, tornando assim uma opção de linguagem dos grupos que unem forças para discutir e lutar pelos seus direitos, a juventude unida em uma só força é considerada um ato de resistência e mostra que esse público precisa ser levado a sério (ALMEIDA, 2013).

O desafio desse debate é refletir sobre como o próprio jovem é levado em conta no momento da formulação das políticas de juventude. O Estado está realmente exercendo seu papel como formulador de políticas públicas para o jovem?

Para Castro e Abramovay (2002), existem dezesseis princípios para se pensar em um novo paradigma de políticas públicas para a juventude:

1. Considerar os jovens como destinatários de serviços e atores estratégicos;
2. Investir em uma perspectiva integrada, evitando programas isolados;
3. Equacionar estudo, trabalho, formação cultural e ética, diversão e esporte;
4. Fortalecer e criar redes institucionais entre sociedade civil e sociedade política;
5. Comprometer várias esferas de governo, priorizando o plano local;
6. Responder à heterogeneidade de grupos juvenis;
7. Promover a democracia participativa, por ativa participação dos jovens no desenho, implementação, acompanhamento e avaliação de políticas;
8. Transparência quanto a recursos e metas, possibilitando o acompanhamento crítico das políticas;
9. Contar com perspectiva de gênero;
10. Contar com perspectiva de raça/etnicidade;
11. Dispor sobre ações afirmativas que lidem com as desigualdades sociais;
12. Sensibilizar os tomadores de decisão e a opinião pública em geral sobre a relevância de políticas para e com jovens, ressaltando a exclusão social e a vulnerabilidade dos jovens como uma desvantagem da sociedade;

13. Fomentar pesquisas sobre e com grupos juvenis, avaliações de ações e programas e intercâmbios de experiências;

14. Promover a capacitação de jovens sobre políticas públicas, democratizando conhecimentos para a crítica e o acompanhamento;

15. Definir papéis e funções entre os diferentes atores e agências institucionais, fortalecendo a participação por organizações com representações democráticas, evitando se, assim, a comum ênfase de implantação de maquinarias, empresas e organizações verticalizadas, sem participação popular e prestação de contas pública de suas ações;

16. Investir no trânsito e nos nexos entre políticas universalistas e específicas de/para juventudes, isto é, na perspectiva de identidade – geração nas políticas e recorrência crítica, evitando corporativismos ou alinhamentos de representações dominantes, comum à perspectiva de políticas de identidades. (CASTRO e ABRAMOVAY, p. 40, 2002).

Os dezesseis princípios apresentam diversas políticas voltadas para o âmbito da saúde, educação, trabalho, cultura, esporte, desenvolvimento, violência e direitos humanos, que fazem parte do princípio do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Diante desse contexto, podemos relacionar a RUAS/Jovem de Expressão com os princípios mencionados acima.

O primeiro princípio considera o jovem como destinatário de serviços e atores estratégicos. A RUAS/Jovem de Expressão é formada por jovens que acreditam na transformação dos próprios jovens, o principal ator no programa é o jovem. O segundo princípio menciona o investimento em uma perspectiva integrada, em conexão direta com a atuação do JEX, que busca integrar o acúmulo de conhecimento com novas experiências em redes digitais. O perfil na rede social Instagram do Jovem de Expressão, por exemplo, conta com mais 12 (doze) mil seguidores e é por lá que a equipe do Programa divulga projetos, resultados, oficinas e notícias, facilitando a comunicação com o público alvo.

Para Castro e Abramovay (2002), o terceiro princípio é igualar os estudos, o trabalho, a formação cultural e ética, a diversão e o esporte, dando início ao novo paradigma de políticas públicas para a juventude. O programa Jovem de Expressão/RUAS consegue juntar todas essas atividades na Praça do Cidadão, em Ceilândia, indo além, atingindo a população marginalizada pela sociedade e oferecendo novas oportunidades.

Dos dezesseis princípios mencionados acima, tendo como ponto de partida, a RUAS/Jovem de Expressão, dois princípios merecem uma atenção maior vinda do

Estado, são eles o quarto princípio que diz respeito ao fortalecimento e criação de redes institucionais entre sociedade civil e sociedade política e o quinto princípio que fala sobre a compreensão de várias esferas do governo.

Apesar da RUAS/Jovem de Expressão conseguir alguns apoios do poder público e privado, ainda existe a carência de investimentos para o jovem da periferia. O Estado necessita entender que trabalhar com/para juventude é uma sobreposição de ações. O problema não pode ser resolvido apenas tirando o jovem da rua, mas escutando as necessidades dessa juventude e melhorando a acessibilidade, para incluir jovens que estão excluídos.

5.3 TEORIA DA MUDANÇA (POLICY CHANGE) APLICADA EM COLETIVOS URBANOS

A “teoria da mudança” é muito mobilizada no campo do desenvolvimento e da cooperação e tem sido cada vez mais utilizada para explicar transformações políticas, sociais, econômicas, culturais ou ambientais no campo das políticas públicas (a chamada *policy change*), sobretudo no que diz respeito a intervenções públicas, programas e ações de desenvolvimento. A “*policy change*” é mobilizada tanto como uma **ferramenta** de como implementar políticas de mudança social com diversas ações ou projetos para serem seguidos alcançando os objetivos de uma determinada política ou projeto (JACQUINET, 2021), quanto como uma **teoria** para explicar a dimensão processual das políticas públicas e como os paradigmas de políticas públicas se transformam ao longo dos tempos e de um lugar para outro (WEISS, 1995; JACQUINET, 2021).

Estes estudos, porém, são muito centrados no papel do “poder” e da “autoridade” – entendidos como elementos necessários para promover adaptações ou mudanças relevantes (HALL, 1993) e se debruçam, principalmente, sobre discussões acerca da natureza dos processos de mudanças em políticas públicas – se são de natureza revolucionária ou evolucionária – e sobre o alcance e a durabilidade das mudanças – se são estruturais ou superficiais, duradouras ou passageiras (CAPANO & HOWLETT, 2013; NUNES, BARBOSA, 2017).

Outro desafio é definir de que “mudança” estamos falando quando nos referimos a *policy change*: mudanças nos processos, nas relações entre os atores, nos instrumentos, nas formas de exercer poder, mudanças de objetivos, de valores? Por um lado, isso demonstra como esse campo de estudos é amplo; nos mostra que

uma mudança de política pública pode ocorrer pelos mais diversos motivos, o que exige estudos cada vez mais multidisciplinares – quantitativos e qualitativos – e pautados em diferentes tipos de racionalidade e de conhecimentos.

Uma forma de entender a teoria da mudança é como um instrumento de planejamento de intervenções que pretendem “responder” perguntas que surgem ao longo da criação de uma política pública, comumente compreendida como um conjunto de cinco etapas essenciais:

insumos (recursos humanos, físicos e financeiros), **atividades** (coletivos, programas, intervenção), **produtos** (serviços ofertados a população alvo), **resultados das atividades** (mudanças tangíveis em variáveis-chave relacionadas a atividade focal e valorizadas pela população-alvo) e **resultados à sociedade** (transformações sociais mais amplas causadas pela intervenção) (INSPER METRICS, p. 109, 2020).

Para Lazzarini et al. (2020), os insumos são recursos vistos como a base para realização de atividades e essas atividades geram *outputs* que são ofertados ao público-alvo. A linguagem adotada pelos autores, no projeto desenvolvido pelo Insper Metrics – Núcleo para Medição de Impacto Socioambiental, porém, ilustra como os estudos sobre *policy change* ainda estão inseridos em uma perspectiva linear e em uma racionalidade instrumental-econômica, que entende a mudança como uma sucessão de etapas implementadas pelo ator que detém o poder e que culminará em um público que não faz parte do processo de políticas públicas, mas é “alvo” desse processo.

Esta pesquisa pretende problematizar essa abordagem e propor outra forma de pensar a mudança no campo das políticas públicas. O foco aqui é um coletivo urbano da Ceilândia/DF - a RUAS - uma rede que reúne diversos projetos de intervenção social que visam proporcionar melhores oportunidades para os jovens, qualificar profissionais, construir redes de apoio e um espaço adequado para a juventude, que não pode ser compreendida apenas como insumo ou como alvo de políticas.

Esta pesquisa problematiza a centralidade do Estado, entendido como único ator responsável pela *policy change*, enquanto sugere que momentos de crise, seja a situação constante de crise sob a qual vivem as periferias brasileiras, seja a crise pandêmica, catalisam outros processos de mudança e engajam outros atores. Nesse sentido, a pesquisa propõe reflexões sobre as relações entre experiências públicas e

atores sociais não estatais e não institucionalizados e os processos de mudanças, defendendo que a *policy change* também possui uma dimensão sociocultural. Argumentamos, ainda, que a juventude, imbuída de intenções geralmente marcadas por paixão e emoções, é também agente de mudanças nas políticas públicas.

Essa pesquisa, porém, propõe outra forma de olhar para a “teoria da mudança”, a partir do enfraquecimento do *status quo* (BAUMGARTNER, 2012) e/ou da alteração do “humor nacional” em torno de uma questão (NUNES, BARBOSA, 2017), percepções que se acentuam em tempos de crise e a partir de uma perspectiva sociocêntrica, interessada em compreender como atores ordinários, reunidos em movimentos da sociedade, coletivos urbanos ou experiências públicas têm o potencial de promover mudanças. Mudanças são, muitas vezes, impulsionadas pelo sentimento de fracasso, seja dos atores políticos, das instituições, dos instrumentos ou dos próprios objetivos e valores que sustentam uma política pública. Esse conjunto de “fracassos”, do Estado, de seus instrumentos de intervenção e de seus valores, estão na base de sustentação dos movimentos sociais, de manifestações e lutas por direitos e em experiências públicas como a estudada nesta pesquisa.

Para Baumgartner (2012), existem três tipos de mudança em políticas públicas (*policy change*) associados a diferentes níveis. São eles: ajustes nos instrumentos políticos, a mudança para avançar nos interesses políticos e mudanças nos objetivos desse interesse. No caso estudado, a RUAS, observou-se que desenvolvem uma percepção do problema público concreto, avaliam as soluções relevantes e propõem caminhos para avançar em direção ao novo equilíbrio, o que, na maioria das vezes, são mudanças estimuladas ou desencadeadas, no caso da periferia, pela ausência ou pelos “fracassos” do Estado.

6 METODOLOGIA

6.1 DESENHO DA PESQUISA

O plano metodológico determina o caminho da construção das inferências, perguntas de pesquisa e respostas (PERES, 2020). O método utilizado na presente pesquisa pode ser caracterizado como descritivo-interpretativo, com enfoque qualitativo. O sujeito de pesquisa deste estudo é a Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS), localizada na Ceilândia/DF e a pesquisa objetiva descrever e interpretar as mudanças ocasionadas pela pandemia da Covid-19, à luz da teoria da mudança em políticas públicas.

A pesquisa qualitativa é um meio de explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social (CRESWELL, 2010). Essa foi a abordagem escolhida nesta pesquisa, pois estamos mais interessados na qualidade e na natureza das mudanças e menos em suas características quantitativas, relativas por exemplo ao número de ações implementadas ou à quantidade de pessoas envolvidas ou beneficiadas pelos projetos e programas. A pesquisa é qualitativa, sobretudo em função dos métodos de construção de dados e da forma como os dados foram interpretados, com ênfase na qualidade da mudança e não em sua quantidade. Para a construção desses dados, foram realizadas visitas de campo e observação não participante, além de entrevistas, *surveys* e mapeamento de práticas, em campo ou em redes sociais.

O modelo descritivo pressupõe uma análise da realidade, um relato de caso (ARAGÃO, 2011), mas sem ignorar o fato de que toda descrição é, também, uma interpretação, que será sempre parcial e limitada, uma vez que não é possível abarcar toda a realidade, mas apenas uma parte, ou melhor, uma versão dela. No caso desta pesquisa, a realidade pandêmica é descrita e a trajetória de transformações é reconstruída de forma a partilhar experiências e vivências, por exemplo, sobre como os jovens da Ceilândia enfrentaram a pandemia de Covid-19.

Os instrumentos e técnicas utilizados para a realização da pesquisa foram: imersão, visita de campo, uma entrevista com a coordenadora do Jovem de Expressão/RUAS, um *survey* com 41 (quarenta e um) estudantes e observação não participante no Jovem de Expressão, programa da RUAS, localizado na Praça do Cidadão na Ceilândia.

O foco da pesquisa foi a interpretação das mudanças na RUAS no contexto da pandemia. Como a RUAS e o Programa Jovem de Expressão são voltados, principalmente, para os/as jovens da periferia, a pesquisa buscou entender a visão do/a jovem participante do projeto quanto às mudanças que aconteceram no âmbito dessa experiência pública ao longo da pandemia, relativas à qualidade e a natureza de sua participação, bem como alterações em aspectos quantitativos dessa interação - incluindo a quantidade de cursos que ele/a participou no projeto, a frequência no projeto, etc. Para o objetivo da pesquisa ser alcançado, foi disponibilizado um *survey* elaborado na plataforma Google - *Google Forms* - contendo 14 (quatorze) questões e destinadas aos/às participantes do Programa Jovem de Expressão.

7 A REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS - RUAS

Para promover a transformação sociocultural da juventude da quebrada do Distrito Federal, em 2006, foi fundada a Rede Urbana de Ações Socioculturais - RUAS, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP, 2020) localizada no Setor Bancário Sul, mas com seu coração e sua sede operacional na Praça do Cidadão na QNM 18/20 de Ceilândia, uma praça conhecida por ser um local de cultura e lazer dos ceilandenses. O movimento acredita que ocupar espaços públicos traz mudanças socioterritoriais no contexto em que os/as jovens estão inseridos/as. Nesse sentido, ocupar uma praça que estava abandonada e realizar atividades, manifestações artísticas, apresentar cultura para a comunidade, dar espaços de fala para a juventude foram as principais práticas adotadas pela Rede e, em seus 16 (dezesesseis) anos de atuação, têm surtido consequências relevantes na sociedade.

Em 2006, a Praça do Cidadão estava abandonada, era considerado um local para consumo de drogas e palco para a rivalidade das gangues das quadras ao lado da praça. Foi quando chegou um grupo mudando essa ideia de que a rua é lugar de bandido, acreditando na potência das ruas de Ceilândia, eles realizaram um mutirão com as próprias pessoas que já frequentavam a praça, fazendo uma manutenção do espaço e mudando a “cara” da praça. Criaram a Rede e, por meio da RUAS, foram promovendo novas práticas, oficinas culturais, aumentando a

comunicação com a comunidade de Ceilândia. Em 2010, deram início à execução do projeto Jovem de Expressão (PERES, 2020).

A missão da RUAS é “desenvolver ações socioculturais que promovam a inclusão e justiça social a jovens da periferia, com foco no empreendedorismo e na ocupação saudável de espaços públicos, as ruas” (RUAS, 2021). Trata-se de uma ação que tem como principal foco os/as jovens da periferia que antes estavam “parados”, e agora veem na RUAS a oportunidade de desenvolver habilidades, interesses, gostos e sociabilidades que, talvez, não seriam desenvolvidas sem que este ambiente tivesse sido criado.

A RUAS tem como visão principal diminuir as desigualdades sociais dos jovens da periferia do DF e ser referência na construção de alternativas sustentáveis que amenizem as desvantagens impostas pelo sistema (RUAS, 2021). Os valores da Ruas são: a transparência, criatividade, inovação, ética, compromisso e responsabilidade social (RUAS, 2021). A atuação, porém, é multidimensional – assim como os problemas públicos identificados pela Rede – e se dá em oito eixos principais: (I) esporte, (II) cultura urbana, (III) comunicação comunitária, (IV) empreendedorismo juvenil, (V) políticas públicas para juventude periférica, (VI) mobilidade urbana, (VII) saúde e (VIII) prevenção (RUAS, 2021).

O movimento é dividido em três grandes projetos: 1) o Elemento em Movimento, um dos maiores festivais de música urbana do Distrito Federal; 2) o Laboratório de Empreendimentos Criativos – LECRIA, que tem como objetivo incentivar o empreendedorismo entre a juventude e instigar novas formas de empreender (RUAS, 2021); e 3) o Jovem de Expressão, um programa que promove oficinas, comunicação, projetos, ações, eventos, oficinas, espaços de diálogo – como o Fala Jovem – e tem como intuito ampliar os espaços para jovens da periferia falarem dos seus anseios, desafios e potencialidades em ser um jovem de comunidade.

Todos os programas e/ou projetos da RUAS se enquadram em um ou mais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Organização das Nações Unidas (ONU).



Figura 1 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas - ONU, 2022.

O próximo tópico busca interpretar as mudanças na RUAS/Jovem de Expressão durante a pandemia de Covid-19, utilizadas pelo Programa que vem promovendo transformações na periferia do Distrito Federal e observadas pela ótica da teoria da mudança (*policy change*).

7.1 ESTUDO DE CASO: AS MUDANÇAS NA REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS (RUAS) DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Com a situação da pandemia se agravando cada vez mais, famílias perderam suas fontes de renda, restando apenas a solidariedade para continuar sobrevivendo em meio ao caos. Nesse sentido, o apoio de projetos como o JEX/RUAS impacta em centenas de famílias em situação de vulnerabilidade.

Ainda que a RUAS possa ser descrita/explicada como no tópico anterior, por meio da narrativa criada pelos próprios organizadores da iniciativa, neste tópico, pretendo observar a Rede através de outros óculos teórico-metodológicos, que permitam reflexões e discussões sobre as mudanças ocorridas ao longo da pandemia de Covid-19.

Com o início da pandemia no mundo e, posteriormente, no Brasil, o Governo do Distrito Federal (GDF) decretou medidas restritivas desde o dia 11 de março de 2020 para conter a proliferação do novo coronavírus. Por um lado, o GDF afirma que houve um grande investimento em ações de enfrentamento à pandemia, como a compra de máscaras e a distribuição de tais equipamentos de proteção para a população, além da construção de hospitais de campanha, compra de testes e contratações de profissionais da saúde (SECUNHO, 2020). Por outro lado, a narrativa otimista não se repete entre a população do Distrito Federal, que vivenciou inúmeras dificuldades e presenciou, em 15 de março de 2021, a prorrogação do estado de calamidade pública no DF, pela Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) no dia 15 de março até 31 de dezembro de 2021 (G1, 2021). Essa

prorrogação permitiu que a gestão de Ibaneis Rocha pudesse ultrapassar o limite de gastos impostos na Lei de Responsabilidade Pública.

Nas periferias do DF, a situação foi ainda mais grave. A Ceilândia, por exemplo, é a região mais afetada pela Covid-19 no DF e concentra 22% das mortes da capital do Brasil. A maioria dos infectados e mortos pelo coronavírus moram nas periferias do DF, evidenciando as desigualdades e as vulnerabilidades da população de baixa renda, sendo que a média móvel de mortes no DF são 587 óbitos e 49.128 infectados. Na região, o primeiro caso da doença foi em 20 de março de 2020 e dois meses depois a cidade já contava com 500 casos do novo coronavírus (G1, 2020).

Diante da vulnerabilização e do desamparo público observado nas periferias, diferentes organizações da sociedade civil se mobilizaram para ativar o território, suscitar a solidariedade e buscar enfrentar os problemas mais urgentes. A Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS) é uma delas. Desde o início da pandemia, a RUAS vem atuando de forma significativa para amenizar os impactos da Covid-19 nas periferias. Uma das principais ações do coletivo foi a criação de um Fundo de Apoio às Periferias do DF, por meio da ativação de uma rede virtual de financiamento solidário (Benfeitoria) cujo objetivo dessa “*vaquinha*” e/ou *crowdfunding* é impactar centenas de famílias em vulnerabilidade na periferia do DF. O fundo arrecadou aproximadamente 20 mil reais e a campanha foi finalizada em junho de 2020 (MENESES, 2020). Com os recursos arrecadados para esse Fundo, foi possível, por exemplo, distribuir cestas básicas e produtos de higiene (Fotografia 1). Esse apoio impactou positivamente centenas de famílias em situação de vulnerabilidade e ajudou, objetivamente, mais de 3.000 famílias no Distrito Federal (JORNALISTAS LIVRES, 2020).



Fotografia 1 – Distribuição de cestas básicas realizada pela RUAS, na Ceilândia/DF (COLETIVO DUCA, 2020).

As doações recebidas pelo Fundo reforçam a baixa capacidade de atuação por parte do poder público na pandemia, uma vez que a sociedade civil precisou se unir para ajudar famílias em vulnerabilidade social a adquirir o básico: comida. O coordenador pedagógico da RUAS, Max Maciel Cavalcanti, morador de Ceilândia-DF, foi entrevistado pelo portal Jornalistas Livres em março de 2020 e, quando questionado sobre a atuação do Governo Federal no enfrentamento da Covid-19 no país, Max respondeu:

Um completo desastre. Um governo que minimiza as orientações internacionais minimiza seu próprio Ministério da Saúde e os dados. E que, se dependesse dele, não ofereceria suporte algum ao povo. A preocupação é apenas com o setor financeiro (MACIEL, 2020).

A Rede Urbana de Ações Socioculturais – RUAS, durante a pandemia de Covid-19, está conseguindo aplicar na prática a teoria da mudança (*policy change*) na Ceilândia. Com o avanço da pandemia, a Rede entendeu a necessidade da mudança. A situação de crise fez com que mudanças radicais fossem tomadas no início da pandemia de Covid-19, mas com o surgimento de ideias diante a problemática enfrentada, as próprias políticas foram transformadas e adaptadas criando assim um novo “equilíbrio” diante da situação vivida (BAUMGARTNER, 2012). Neste tópico serão descritas as mudanças desenvolvidas pelo Jovem de Expressão/RUAS, criando uma linha do tempo para compreender a natureza da *policy change* que a Rede precisou adotar em meio à pandemia de Covid-19.

1. 07 de março de 2020: Primeiro registro de caso de coronavírus no DF

O primeiro registro de caso de coronavírus no Distrito Federal (DF) foi confirmado pelo Ministério da Saúde no dia 07 de março de 2020. A paciente é moradora do Lago Sul, Região Administrativa que concentra as maiores rendas per capita do país: R\$ 23.019, de acordo com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). Segundo as informações, a paciente ficou oito dias em Londres e, ao retornar à capital, se queixou de falta de ar, tosse e força física. Ela esteve em estado grave e respirava com ajuda de aparelhos (RIOS, 2020).

2. 11 de março de 2020: Primeira ação do Governo do Distrito Federal (GDF) no combate à pandemia de Covid-19

O governador do Distrito Federal foi um dos pioneiros na antecipação das medidas para conter a pandemia de Covid-19. Segundo a Codeplan (2020), “O governador tem uma inteligência e *feeling* que contam muito, mas suas decisões são tomadas sempre com uma base científica”. As primeiras medidas foram o fechamento de todo o comércio do DF, monitoramento do fluxo de pessoas nas ruas e medidas de isolamento social.

3. 12 de março de 2020: Primeiras medidas do Jovem de Expressão/RUAS no início da pandemia de Covid-19

No início de março de 2020, o Jovem de Expressão informou que em cumprimento ao decreto número 40.509/2020 do Governo do Distrito Federal (GDF) estavam suspensas todas as aulas no Jovem de Expressão no período de 12 a 16 de março. O Programa ainda tinha um intuito de retomar as atividades na terça, 17 de março, pois, o grande pilar do JEX é a sociabilidade, no encontro, na troca presencial, na vivência. Para Soares (2022), coordenadora do Jovem de Expressão, “com a pandemia aconteceu esse impacto de contato, na Praça do Cidadão e no Jovem de Expressão, porque nossas atividades eram eventos, rodas de conversa e tiveram que ser canceladas por conta da pandemia”.

Com o avanço da pandemia na Ceilândia, infelizmente, não foi possível a retomada das aulas. A equipe do JEX publicou nas redes sociais o início da nova mudança alterando o formato das aulas, o ensino remoto. Reforçando a responsabilidade social do Programa e o compromisso com a saúde/segurança dos jovens, segundo a ótica de Soares (2022):

Quando estourou a pandemia, a primeira coisa que a gente fez foi pausar as oficinas que estavam acontecendo no espaço, a princípio nós achávamos que era algo que acabaria rápido. Então, nós não tínhamos pensado que iria durar dois anos, no primeiro momento nós demos uma pausa para entender o processo, depois de um mês começou a aparecer muitas demandas de jovens que ficaram desempregados, que precisaram de cesta básica. Então, durante esse período cancelamos os workshops e começamos a fazer essa ajuda de assistência, buscar parceiros para comprar cestas básicas e fazer essas doações de cestas (SOARES, 2022).

Essa mudança das medidas tomadas pelo Jovem de Expressão/Ruas pode ser considerada um choque e/ou crise: a fome e desemprego que exigiram uma mudança de abordagem do Programa, “abandonando” em função da vulnerabilidade imposta pela pandemia seus objetivos, migrando para um problema mais grave.

4. 26 de março de 2020: Primeiro registro de caso de coronavírus na Ceilândia-DF

O primeiro registro de caso de coronavírus na Ceilândia foi no dia 26 de março de 2020, cerca de vinte dias após o primeiro caso no Distrito Federal. Segundo A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) da Companhia de Planejamento (Codeplan), a Ceilândia encontra-se em décimo lugar com a renda per capita mais baixa do DF: R\$ 1.125,06. Após o aumento de casos, o Governo do Distrito Federal (GDF) decidiu suspender as atividades comerciais durante três dias na cidade (GALVÃO, 2020).

5. 11 de maio de 2020: Criação do Fundo de Apoio às Periferias do DF, arrecadação de insumos para famílias em vulnerabilidade social

A RUAS/Jovem de Expressão, com o avanço da Covid-19 e o isolamento social, precisou compreender a mudança da política e entender que muitos grupos estão sendo impactados diretamente pela pandemia e que as consequências não estão sendo sentidas de maneira uniforme. Por isso, mais do que nunca, seria necessária a união entre governo e sociedade civil para estimular nas ações de proteção e garantia de direitos. Com as doações do Fundo, a contribuição da sociedade foi totalmente investida nos projetos realizados com o apoio do Jovem de Expressão, ajudando no pré-vestibular, pré-enem, Pas/UnB, escola de idiomas e projetos de atendimento à saúde mental como o Periferia Viva.

Nas redes sociais do Jovem de Expressão, foram feitas diversas publicações de apoio para os jovens da periferia: instruções sobre como cuidar da máscara de proteção e incentivo do uso, informações sobre alternativas de empreendedorismo em meio à crise; sobre o que fazer na quarentena e incentivos ao estudo. Ainda

seguem sendo feitas campanhas de arrecadação de insumos como cestas básicas, produtos de higiene e agasalhos para aqueles que necessitam.

Diante da crise político-sanitária dos últimos dois anos, o Programa Jovem de Expressão vem implementando mudanças e promovendo transformações que, observadas pelas lentes da teoria da mudança, indicam que os atores envolvidos conseguiram enxergar com rapidez a situação problemática diante da pandemia de Covid-19 e tomar medidas para tentar amenizar o impacto na vida dos jovens. Não se trata, porém, de uma missão fácil, uma vez que não conta com o estímulo e/ou auxílio do poder público, que vem ignorando, sistematicamente, as dificuldades e particularidades enfrentadas pelas periferias do DF.

Para além das mudanças evidenciadas pela reconstrução da linha do tempo de práticas e ações da RUAS/Jovem de Expressão, é possível observar outras mudanças que ocorreram ao longo da pandemia e influenciam no funcionamento do Jovem de Expressão/RUAS. Durante esse período, ampliaram-se parcerias entre a RUAS e a Universidade de Brasília, por exemplo, por meio do movimento Liga das Associações Atléticas da Universidade de Brasília - LAUNB, que contribuiu com a doação de 150 cestas básicas para o Programa, arrecadadas através do Copa Solidária no âmbito do projeto “Atléticas Solidárias”.

A atlética do curso de Gestão de Políticas Públicas/UnB - Burocratas também fez parte desta ação e, segundo o atual presidente da Burocratas e aluno do Curso de Gestão de Políticas Públicas (GPP/UnB), Vitor Augusto:

A finalidade do projeto era ajudar pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social. Encontramos com a RUAS a solução, já existe um projeto consolidado. Foram compradas 150 cestas básicas para o projeto, podendo ajudar centenas de pessoas que necessitam dessa atenção um pouco maior. Sabemos que faltam políticas públicas que as contemplem e, estudando políticas públicas e podendo realizar essas ações, torna-se a razão de eu querer continuar ajudando quem precisa durante minha graduação e após ela também. Afinal, meu papel como futuro gestor será propor e realizar soluções que os coloquem em local de protagonismo (AUGUSTO, 2021).



Fotografia 2 – Distribuição de cestas básicas realizada por alunos da Universidade de Brasília (UnB), no programa Jovem de Expressão, Ceilândia/DF (LAUNB, 2020).

Mudanças e transformações realizadas pelo Jovem de Expressão durante a pandemia de Covid-19 mostram como a missão do Programa é ampla e transversal, uma transformação, sobretudo, de valores que refletem no território. Ao ser questionada em relação à atuação do poder público para a juventude da periferia do DF e se ela se considera uma formuladora de políticas públicas, a coordenadora explicou que:

Eu acho que o Jovem de Expressão, como outros espaços independentes, tem **essa política de fazer do nosso jeito**. Acaba que muitas atividades e ações pensadas por ONGs poderiam ser políticas públicas, pois as ONGs estão nas comunidades e estão vivenciando o dia a dia, conseguem buscar soluções que muitas vezes o Estado não enxerga. Então, acredito sim que a gente faz política e poderia sim, o Jovem de Expressão virar uma política pública para não ter só o JEX como referência, mas ter outros espaços como o Jovem de Expressão em outros locais (SOARES, 2022).

É interessante ressaltar a frase “essa política de fazer do nosso jeito”, a importância da vivência que a sociedade em movimento tem no cotidiano, pensando e realizando políticas públicas efetivas de acordo com a real necessidade. O Estado é um ator fundamental na busca de soluções para o problema, mas a comunidade consegue enxergar a fundo o problema, pois são eles que vivenciam o problema na prática, como cita Soares (2022).

6. Agosto de 2021: Avanço na vacinação para o jovem #VacinasSalvamVidas

A ampliação do grupo de jovens com mais de 25 anos no cronograma de vacinação no DF iniciou em agosto de 2021, dando esperança para a juventude da capital. Com a chegada de novas doses do imunizante, grupos etários com menos de 25 anos conseguiram ter acesso à vacina contra a Covid-19 (MARQUES, 2021).

O avanço da vacinação fez com que o jovem se sentisse mais seguro para retornar à sala de aula, por exemplo. O Jovem de Expressão apresentou-se pró-vacina e acredita em todas as medidas estabelecidas pela OMS. Desde o início da pandemia o Programa vem respeitando todas as medidas de segurança.

7. 13 de outubro de 2021: A ameaça da Administração Regional de Ceilândia de retomada do Galpão Cultural, espaço conquistado pelo Jovem de Expressão

No dia 13 de outubro de 2021, a administração de Ceilândia ameaçou o encerramento das atividades no Jovem de Expressão, afirmando que o espaço passaria a ser usado para o armazenamento de remédios da farmácia de alto custo. Diante desse fato, que representa um ponto de inflexão na trajetória de mais de 15 anos da RUAS/JEX, foram promovidas iniciativas pelo JEX para evitar a desocupação do galpão-sede da Rede e do Programa. Essas iniciativas são analisadas, neste tópico, com mais detalhe.

O local em que hoje fica o Galpão Cultural do Jovem de Expressão funcionava em 2011 como um antigo posto policial que foi abandonado, um espaço de 116 metros quadrados localizado na Praça do Cidadão/Ceilândia. Foi inaugurado em 2018 e, desde então, já foram realizadas mais de 400 atividades no espaço, que abriga uma sala de dança, espaço para reuniões, palestras, aulas, cultos religiosos, terapias e outras atividades promovidas para população. Além dessas diversas atividades, o galpão cultural abriga, ainda, a primeira galeria de arte da Ceilândia, a Galeria Risofloras, um espaço criado exclusivamente para a exposição de artes produzidas por artistas periféricos e para gerar oportunidades de conexão entre artistas, obras e vivências coletivas da/na periferia.

Assim que a Administração Regional de Ceilândia ameaçou o encerramento das atividades no galpão cultural no espaço do Jovem de Expressão, o movimento lançou uma petição online chamada “*JOVEM DE EXPRESSÃO FICA!*”, que conta com mais de 10 mil assinaturas de cidadãos que apoiam a permanência da Rede no local e a concessão do espaço para as atividades. No dia 15 de outubro de 2021, apenas dois dias após o anúncio da Administração, o JEX convocou a juventude da Ceilândia para comparecer à Praça do Cidadão, às 17h para uma assembleia sobre a ameaça de encerramento das atividades e retirada do direito de uso do galpão cultural do programa. Centenas de jovens, além de deputados e integrantes de coletivos urbanos do Distrito Federal – da Ceilândia e de outras periferias - estiveram na praça, declarando apoio pela cessão permanente de uso do galpão para o Programa Jovem de Expressão.

A equipe do Jovem de Expressão – juntamente com todo o apoio das redes sociais, mídias digitais, programas de TV e articulações com o poder legislativo do DF – conseguiu encaminhar relatos na Comissão de Educação, Saúde e Cultura da Câmara Legislativa do Distrito Federal. A Presidente da Comissão de Educação, Saúde e Cultura, deputada Arlete Sampaio, criou um ofício para o atual Administrador Regional da cidade de Ceilândia, Delegado Fernando Fernandes, questionando o motivo da ameaça da retirada do espaço:

Não fazem nem dez meses, conforme se lê em notícia da Agência Brasília de 16/12/2020, que a instituição Rede Urbana de Ações Socioculturais – RUAS, responsável por esse projeto, recebeu a certificação dessa Administração e da Secretaria de Projetos Especiais – SEPE pela parceria no programa Adote uma Praça, como “exemplo para todas as outras cidades do Distrito Federal”. O que foi que mudou? Como é que ora se faz esse tipo de reconhecimento público para, menos de um ano depois, cogitar-se da retirada de um projeto de reconhecida eficácia enquanto política voltada para a juventude por meio de ações culturais e do exercício da convivência pacífica? (SAMPAIO, 2021).



Fotografia 3 – Assembleia na Praça do Cidadão na Ceilândia – DF contra a ameaça de retirada do Galpão Cultural (Elaboração própria do autor, 2020).

Essa ameaça da Administração Regional da Ceilândia para retomar o espaço do Galpão Cultural do Jovem de Expressão/RUAS, apesar da forma negativa, pode ser entendida por Almeida (2013) como um caso interessante visto em diversas periferias de São Paulo, quando um grupo de jovens ocupa uma praça pública abandonada, e, de repente, depois dessas experiências surgirem seus efeitos, chama atenção do poder público:

Um determinado grupo de jovens passa a desenvolver uma atividade cultural num equipamento público abandonado, em uma praça esquecida, em uma esquina qualquer e, de repente, o espaço chama a atenção do poder público, da comunidade, da especulação imobiliária e a partir daí se trava um debate político sobre o uso do local e a necessidade ou não de se manter aquelas ações culturais e de lazer. É como se o direito à cidade assumido há tempos como bandeira de diferentes grupos juvenis periféricos da metrópole tenha se transformado em direito à cultura. Os jovens não querem apenas circular e ter acesso à cidade, mas contribuir na produção da cidade, na sua criação e recriação cultural (ALMEIDA, p.170, 2013).

No caso do Jovem de Expressão, a atenção do poder público foi negativa, o administrador de Ceilândia aproveitou o período de pandemia em que os jovens estavam realizando suas atividades de forma remota e encontrou uma “brecha” para supor que o espaço não estava sendo utilizado, quando na verdade o JEX estava desenvolvendo atividades fora da praça, como as medidas de contenção da Covid-19.

Por outro lado, é importante entender que a “desocupação” do Galpão Cultural, mesmo que temporária, pode significar uma “perda” significativa, mostrando a instabilidade dos coletivos urbanos e movimentos sociais. Essa tentativa da retomada do espaço pode ser entendida como uma metáfora. Assim como um pássaro precisa estar constantemente batendo as asas para voar, ou até mesmo manter os músculos das asas contraídos e resistentes para planar, o Jovem de Expressão/RUAS precisa mostrar-se ativo (embora nem sempre esteja às vistas) para manter sua existência. Caso contrário, assim como um pássaro caído após ser atingido, o Programa deixa de existir. Para Rayane Soares (2022), coordenadora do Programa, o Jovem de Expressão/RUAS e o desenvolvimento territorial dependem do movimento. Ela explicou que graças à mobilização da rede de apoio da RUAS a retirada não aconteceu e o Programa conseguiu a segurança de institucionalização/normatização, um documento de uso do espaço:

Sobre a questão da retirada, o Galpão Cultural é um espaço onde o JEX desenvolve atividades teatrais e uma galeria de arte. Devido à pandemia, nós não podíamos utilizar, por causa do decreto do próprio governo. Então, nós tivemos que fechar as portas. Uma das alegações feitas pela Administração Regional de Ceilândia dizia que o espaço não estava sendo usado, mas nós não estávamos utilizando o espaço devido à pandemia e devido ao decreto, pois, se nós abrissemos poderíamos receber algum tipo de multa. Para não acontecer a questão da retirada, nós mobilizamos a nossa rede de apoio, a RUAS. Não acontecendo a retirada, nós conseguimos encaminhar o processo para garantir o acesso de uso do espaço, onde vai garantir a nossa segurança por mais tempo. É um documento que garante que a instituição fique no espaço durante 20 anos e, caso a gente saia do espaço, o prédio volta para a Administração Regional de Ceilândia. Com essa cessão de uso, nós conseguimos até engajar mais parceiros para investir mais na galeria de arte, no Galpão Cultural e no teatro (SOARES, 2022).

8. 18 de novembro de 2021: Retorno às atividades semipresenciais no Jovem de Expressão/RUAS com turmas reduzidas

No final do ano de 2020, o Jovem de Expressão/RUAS retornou com as atividades semipresenciais, adaptando o espaço com todo cuidado e responsabilidade, seguindo todos os protocolos recomendados pelo Ministério da Saúde. Foram tomadas medidas de segurança como turmas reduzidas, aulas intercaladas com atividades híbridas, equipamentos de proteção, além de adaptação

do espaço feitas na Praça do Cidadão em Ceilândia-DF. Segundo Soares (2022), em 2021 o Jovem de Expressão resolveu retornar com as aulas presenciais, mas com atendimento reduzido: “uma turma que atendia por volta de 30 pessoas, teve que reduzir para 15 jovens, reduziu bastante o atendimento por conta do distanciamento social”.

Apesar do retorno presencial, a pandemia de Covid-19 ainda não acabou e muitos grupos em vulnerabilidade ainda estão sendo impactados. Por conta disso, ainda em 2020, a RUAS propôs um dia de confraternização para a periferia, colaborando com o natal da associação cultural e ambiental Voz Nascente. Essa é uma iniciativa dos projetos RUAS, Casa Akotirene e Coletivo Ação. Com o intuito de fortalecer ainda mais esse momento, o JEX criou um dia de revitalização dos espaços públicos de Ceilândia, convidando a comunidade para ajudar na limpeza da Praça do Cidadão.

É importante perceber que o Jovem de Expressão/Ruas promove as mudanças a partir da realidade concreta dos problemas que aparecem cotidianamente.

8 CONSTRUÇÃO DE DADOS

A construção de dados é fundamental em pesquisas empíricas que pretendem problematizar a realidade a partir de informações quali-quantitativas e que pretendem compreender casos como o da RUAS de forma complexa. No plano empírico, o pesquisador escolhe suas fontes de pesquisa, as informações mais relevantes para o estudo. Este plano é, segundo Peres (2020), o *locus* de operacionalização da pesquisa, onde os materiais são construídos e utilizados, no decurso da investigação, para a interpretação do sujeito de pesquisa escolhido. Neste caso, selecionamos nosso sujeito de pesquisa – os jovens da RUAS/Jovem de Expressão –, os artigos, as pessoas que poderiam ser entrevistadas, as redes sociais (Instagram: @jovemdeexpressao; Facebook: Jovem de Expressão; Twitter: @jovemdeexpressa; YouTube: Jovem de Expressão) que poderiam nos ajudar a compreender as mudanças que aconteceram na RUAS/Jovem de Expressão e/ou matérias jornalísticas. Assim, construímos o *corpus* central de materiais de pesquisa.

Foram utilizados cinco instrumentos principais para a construção de dados: (I) leitura de publicações científicas e jornalísticas acerca das categorias teóricas da pesquisa e, mais especificamente sobre a RUAS/Jovem de Expressão; (II) observação não-participante do funcionamento do Programa na Praça do Cidadão (Ceilândia/DF); (III) *survey* com os jovens que participam do Programa; (IV) entrevistas e (V) reconstrução da trajetória do Programa ao longo do período estudado (de março/2020 a abril/2022) por meio das postagens realizadas nas redes sociais oficiais da RUAS (Instagram, Facebook, Youtube, Site RUAS: ruas.org.br).

Nesta pesquisa, a entrevista com a coordenadora do Jovem de Expressão Rayane Soares, o coordenador pedagógico Max Maciel, o presidente da atlética Burocratas/UnB, além de *survey* disponibilizado aos alunos, jovens e comunidade do Jovem de Expressão foram indispensáveis para o alcance do objetivo do estudo, entendimento das mudanças no funcionamento da RUAS/Jovem de Expressão no contexto da pandemia de Covid-19 e para análise das dificuldades e potencialidades ocasionadas pela doença na Ceilândia.

A entrevista com a coordenadora do programa Jovem de Expressão/RUAS foi realizada de forma remota devido à pandemia do novo coronavírus. Foi construída por meio de 14 (quatorze) perguntas sobre as mudanças no JEX/RUAS desde o início da pandemia, as mudanças que o corpo de colaboradores teve que

adotar para dar continuidade ao Programa, sobre a variação da frequência dos jovens nos cursos, workshops, palestras e sobre a visão/percepção da coordenadora diante a atuação do poder público para juventude periférica de Ceilândia.

O questionário (*survey*) disponibilizado para a comunidade jovem participante do Programa teve como objetivo conhecer o perfil dos participantes, o tipo, a quantidade e a qualidade da participação (incluindo o número de cursos em que eles participaram no JEX), a frequência dos/as entrevistados/as nas atividades ofertadas, suas percepções quanto à atuação do Programa durante a pandemia e investigar, ainda, sua percepção sobre os principais “atores” envolvidos na transformação socioterritorial na Ceilândia.

8.1 A PERCEPÇÃO DOS JOVENS, ALUNOS E COMUNIDADE DA RUAS/JOVEM DE EXPRESSÃO

Para interpretar a percepção dos jovens, alunos e comunidade da Ruas e do Programa Jovem de Expressão sobre as mudanças no funcionamento da Rede de Ações Socioculturais – RUAS no contexto da pandemia de Covid-19, foi utilizado o instrumento de *survey* para viabilizar um número maior de respondentes e permitir uma melhor compreensão do perfil dos participantes, além do grau e da qualidade das mudanças. O *survey* foi dividido em três partes objetivas e termina com uma última questão aberta, que permitia a livre expressão dos respondentes sobre o tema. São elas:

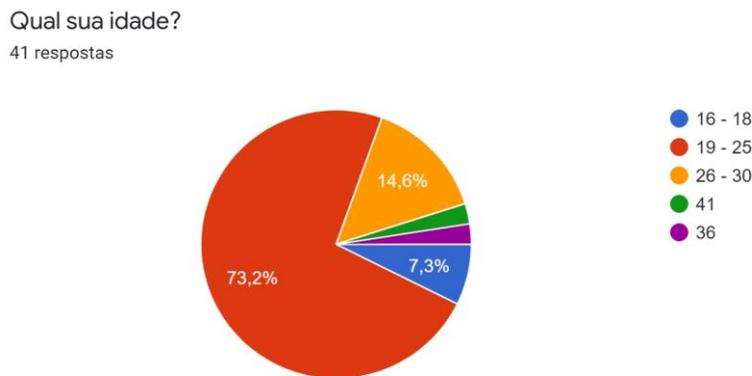
- Parte I: Mapeamento do perfil dos jovens/comunidade participante do Programa Jovem de Expressão;
- Parte II: Questões quantitativas relativas à quantidade de cursos, frequência, participação e atuação da juventude e do JEX durante a pandemia da Covid-19;
- Parte III: Questões qualitativas acerca dos principais agentes/atores da transformação socioterritorial da Ceilândia, percepções quanto à ameaça de encerramento das atividades, principais afetados com a

retomada do Galpão Cultural e percepção quanto à contribuição do JEX para a vida pessoal, profissional e acadêmica dos participantes.

Por último, foi feita uma questão aberta para manifestações livres quanto às mudanças ocorridas no Jovem de Expressão desde o início da pandemia (março de 2020) e quais mudanças os jovens gostariam de ver no projeto. O *survey* contou com 41 respondentes.

A primeira pergunta foi feita para conhecimento da faixa etária dos respondentes, que participam ou já participaram do Jovem de Expressão, com o objetivo de confirmar se é, de fato, a juventude que se engaja e ativa o JEX.

Gráfico 1 - A faixa etária da comunidade do Jovem de Expressão



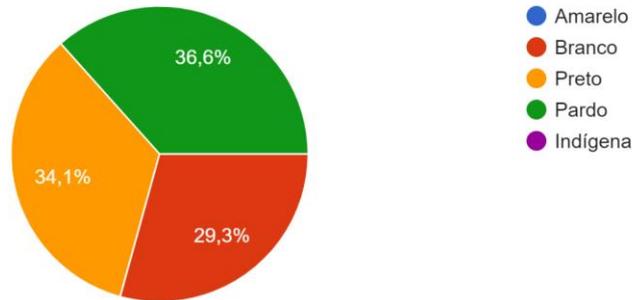
Fonte: Elaboração do autor, 2022.

A ampla maioria dos respondentes (73,2%) se encontra na faixa etária entre 19 anos e 25 anos de idade. Com isso, pode-se notar que a maioria dos jovens que participam ou participaram de algum projeto, curso, workshop, evento do Jovem de Expressão é maior de idade. Apenas 7,3% possui entre 16 anos e 18 anos. A maioria se encontra no grupo caracterizado nesta pesquisa como 'juventude', ainda que os respondentes acima de 26 anos somem 19,4%, o que denota a capacidade de articulação entre a juventude e lideranças/participantes mais maduros.

A segunda e terceira perguntas têm como objetivo entender como o jovem do JEX se autodeclara (raça/cor) e como se autoidentifica (feminino, não-binário e masculino).

Gráfico 2 - Autodeclaração dos alunos do Jovem de Expressão

Como você se autodeclara?
41 respostas



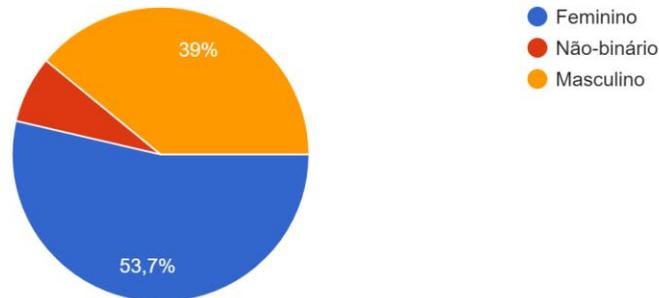
Fonte: Elaboração do autor, 2022.

A maioria dos jovens entrevistados que participam ou participaram do Jovem de Expressão se autodeclararam pardos (36,6%) e pretos (34,1%). Dos respondentes, 29,3% são brancos e nenhum se declarou indígena ou amarelo. É importante notar que a categoria “negros” (pretos + pardos) soma 70,7% dos respondentes, reafirmando, por um lado, a relevância da juventude negra na transformação socioterritorial das periferias e, por outro lado, reforçando a percepção de que esse é o grupo que mais sofre, no Brasil, com a falta de oportunidades de desenvolvimento e com a má distribuição de renda (IBGE, 2018).

Gráfico 3 - Autoidentificação dos alunos do Jovem de Expressão

Como você se identifica?

41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

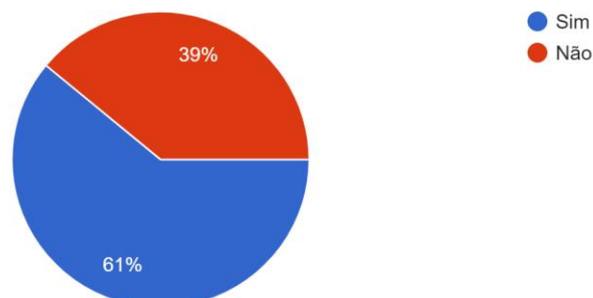
É interessante notar que as mulheres são maioria entre participantes do JEX, representando 53,7% de respondentes, enquanto 39% das pessoas se autoidentificaram como do gênero masculino e apenas 01 (uma) pessoa se identificou como não-binária.

A segunda parte do *survey* concentrou-se em questões mais quantitativas, sobre a participação em cursos, quantidade, frequência e participação da comunidade entrevistada do JEX.

Gráfico 4 - Participação em cursos ou oficinas no Jovem de Expressão

Você já participou de algum curso e/ou oficina no Jovem de Expressão?

41 respostas

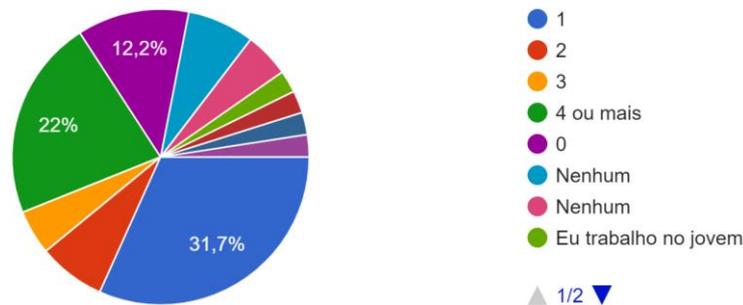


Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Gráfico 5 - Quantidade de cursos ou oficinas no Jovem de Expressão

Quantos cursos e/ou oficinas você já participou no Jovem de Expressão? Quais?

41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

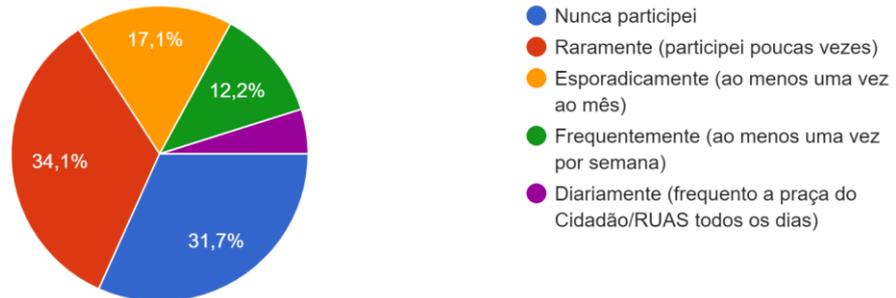
Nota-se, por meio do gráfico 4, que ainda que a maioria dos respondentes (61%) já tenham participado de algum curso, oficina, workshop ou evento feito pelo Jovem de Expressão, 39% estão engajados na iniciativa e frequentam a Praça do Cidadão mesmo sem participação direta/efetiva nas atividades ofertadas. Isso é representativo da fluidez da iniciativa e da ausência de condicionalidades no engajamento ou participação (ainda que fluida, dinâmica ou indireta) no Programa.

Dos 61% dos jovens que já participaram de algum curso, 31,7% fizeram apenas um curso ou oficina, 22% conseguiram participar de quatro ou mais, o que significa que existe um grupo de participantes que é bastante “ativo” dentro do Jovem de Expressão e que pode indicar a existência de núcleos mais densos de formação de futuros líderes e pessoas que atuem como aglutinadoras/catalisadoras de novas ações.

Gráfico 6 - A frequência dos jovens nas atividades ofertadas pelo programa

Com qual frequência você costuma participar ou frequentar as atividades ofertadas pelo Jovem de Expressão?

41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

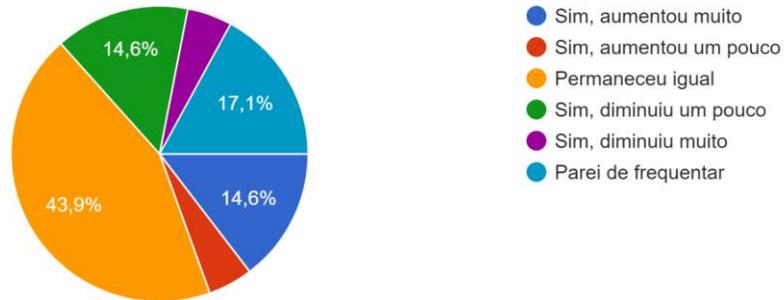
Esses números retratam uma dificuldade enfrentada pelo jovem da periferia, com relação à participação em atividades políticas, culturais ou de lazer. Na maioria das vezes, ele precisa escolher entre o lazer, estudo ou o trabalho. Apenas 4,9% dos jovens respondentes têm a oportunidade de frequentar diariamente o Jovem de Expressão, 12,2% consegue ir pelo menos uma vez por semana e 17,1% dos entrevistados conseguem participar esporadicamente (ir ao menos uma vez ao mês no programa).

A maioria dos entrevistados (34,1%) participou apenas uma ou duas vezes de alguma festa, workshop ou palestra do JEX, enquanto 31,7% nunca chegaram a participar do programa, mas o conhecem por conta das redes sociais ou notícias do Jovem e se interessam pelo Programa ao ponto de se proporem a participar da pesquisa.

Gráfico 7 - A mudança na frequência da participação dos jovens depois do início (março 2020) da pandemia de Covid-19

Sua frequência de participação mudou depois do início da pandemia (março 2020)?

41 respostas

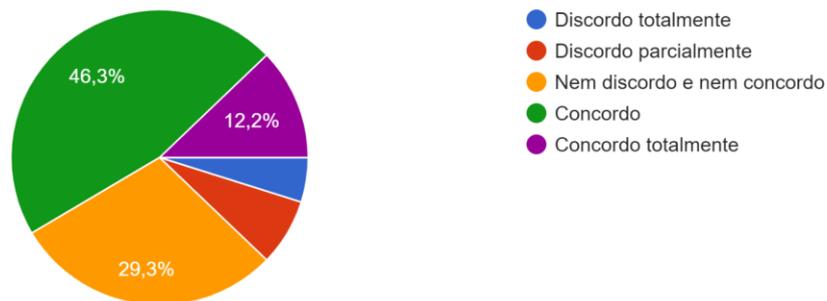


Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Gráfico 8 - A baixa frequência dos jovens na pandemia de Covid-19

Na sua opinião, você acha que o Jovem de Expressão foi menos frequentado depois da pandemia da Covid-19?

41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Os gráficos 7 e 8 questionam acerca das alterações na participação do próprio respondente e, também, alterações quanto à percepção da participação da juventude no Programa Jovem de Expressão. No gráfico 7, a questão central é a variação na frequência da participação do próprio jovem depois do início da pandemia de Covid-19 em março de 2020 na Ceilândia. Para 43,9% dos entrevistados, a frequência de participação permaneceu igual: continuaram

participando por meio dos eventos e cursos ofertados na modalidade EAD - Educação a Distância. Das 41 respostas, 17,1% das pessoas pararam de participar por conta da pandemia e 14,6% diminuíram um pouco a participação no programa. Um dado importante nessa pergunta é que no caso de 14,6% dos entrevistados, a participação aumentou bastante na pandemia.

Ainda que uma quantidade significativa de jovens tenha parado de participar do Programa (17,1%), a soma dos respondentes que mantiveram ou aumentaram sua participação (ou seja, aqueles que mantiveram a mesma participação somados àqueles que aumentaram um pouco ou muito) representa 63,4% dos entrevistados. Essa porcentagem representa a maioria dos respondentes e revela que a juventude periférica e os movimentos periféricos não pararam, seja por impossibilidade prática (impossibilidade de atender às orientações de isolamento social ou de realizar trabalhos e atividades em modo remoto) ou até mesmo em função da percepção de que, com o início da pandemia (apesar dos riscos) era necessário engajar-se em iniciativas propostas pelo Programa, de modo a enfrentar questões também graves, como a precariedade das condições de vida e a fome.

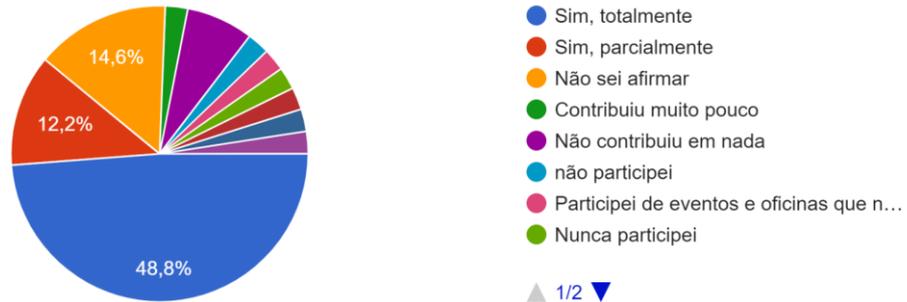
Sobre a percepção da frequência de participação na Praça do Cidadão, onde fica localizado o Jovem de Expressão, o gráfico 8 busca retratar se o JEX foi menos ou mais frequentado depois da pandemia de Covid-19. Embora os respondentes tenham, em sua maioria, mantido ou aumentado a participação, a grande maioria (58,5%) percebeu que o espaço passou a ser menos movimentado e que o número de pessoas que frequentam a praça diminuiu. Já 29,3% disseram não ter uma opinião formada sobre a frequência dos jovens no JEX. Os jovens passaram a frequentar outros ambientes, como estudos remotos realizando as atividades em casa, por exemplo.

Com relação à terceira e última parte do *survey*, destinada a investigar a percepção da juventude da Ceilândia sobre a atuação do Programa Jovem de Expressão durante a pandemia; sobre quem eles consideram os atores fundamentais na transformação socioterritorial da Ceilândia; sobre quem serão os principais afetados se o GDF conseguir retomar o Galpão Cultural; e sobre as mudanças que os jovens perceberam com a pandemia de Covid-19, as respostas foram mais homogêneas.

Gráfico 9 - Contribuição na vida profissional ou acadêmica

Você acredita que o programa Jovem de Expressão já tenha contribuído positivamente para sua vida profissional ou estudantil/acadêmica? Se sim, como?

41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Nessa pergunta do gráfico 9, 48,8% dos jovens classificam o Jovem de Expressão como um programa que contribuiu totalmente para a vida acadêmica ou profissional, mostrando que o objetivo principal do JEX/RUAS está sendo cumprido, que é transformar a realidade sociocultural e socioterritorial dos jovens da Ceilândia. Enquanto isso, 12,2% dos entrevistados afirmaram que o programa contribuiu parcialmente na vida profissional ou estudantil/acadêmica deles.

No final desse questionamento, um dos entrevistados afirmou que o Jovem de Expressão:

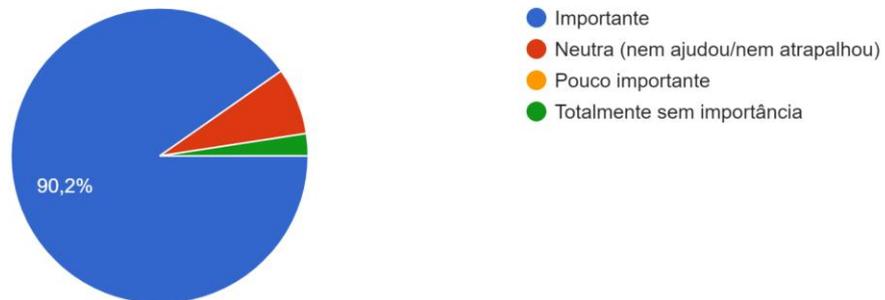
Me possibilitou ter vivências e experiências em áreas que, por conta do meu poder aquisitivo, eu talvez nunca pudesse ter acesso. Como por exemplo, um curso totalmente gratuito de edição de vídeos, curso de fotografia, entre outros. Os cursos serem gratuitos aumenta a possibilidade de interesse e engajamento dos jovens que estão procurando por novas oportunidades (Respondente 1, 2022).

Esse tipo de depoimento comprova o efeito do programa na periferia do Distrito Federal. Jovens que não têm acesso a uma boa situação financeira conseguem realizar cursos considerados “caros” de forma gratuita ofertada pelo JEX para toda população jovem da Ceilândia. O acesso à educação gratuita feita pela RUAS/JEX na rua (Praça do Cidadão) é o caminho dos jovens que participam para abertura de novas oportunidades.

Gráfico 10 - A atuação do Jovem de Expressão/RUAS durante a pandemia de Covid-19

Na sua opinião, a atuação do Jovem de Expressão/RUAS durante a pandemia foi

41 respostas



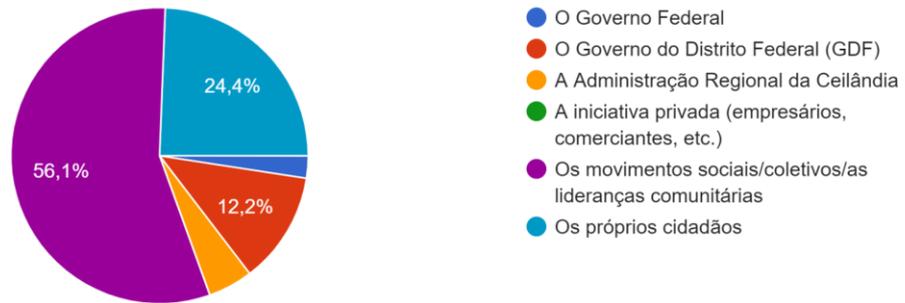
Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Conforme retrata o Gráfico 10, 90,2% dos respondentes consideraram a atuação do JEX no combate à pandemia, desde março de 2020, importante para a população da Ceilândia. Diversas ações foram desenvolvidas e implementadas, como a distribuição de cestas básicas para famílias de Ceilândia, a adaptação do curso pré-vestibular ao sistema remoto, ações voltadas para a continuidade das doações, oferta de cursos profissionalizantes, todos de forma remota e gratuita. Essas ações foram desenvolvidas de maneira que garantissem o funcionamento do programa e, ao mesmo tempo, garantissem a segurança de todos. Ainda com relação às respostas, 7,3% dos respondentes consideram neutra a atuação do Jovem de Expressão, afirmando que o Programa não ajudou e nem atrapalhou, e apenas 2,4% consideram a atuação do programa totalmente sem importância para a juventude e para a comunidade da Ceilândia durante a pandemia.

Gráfico 11 - Na prática, quem são os atores mais importantes para a transformação socioterritorial da Ceilândia.

Na prática, quem você acha que são os "atores" mais importantes para a transformação socioterritorial da Ceilândia?

41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Fica cada vez mais evidente, a partir das pesquisas sobre movimentos sociais e experiências públicas e também a partir desta pesquisa que, para acontecer uma transformação socioterritorial e sociocultural, é necessário que exista uma articulação entre atores estatais e não estatais. Para além da ativação territorial e comunitária e dos movimentos da sociedade, são necessários incentivos estatais e mercadológicos, estímulos externos e internos, capazes de incentivar e fortalecer a construção de espaços de sociabilidade e espaços de formação e diálogo que incluam a juventude nos processos de tomada de decisões políticas acerca dos problemas públicos vivenciados, cotidianamente, pela juventude periférica. O gráfico 11 demonstra que 56,1% dos jovens do Jovem de Expressão consideram que os movimentos sociais, os coletivos e as lideranças comunitárias são os principais protagonistas das transformações socioterritoriais locais – mais especificamente, da Ceilândia. Esse é o caso da coordenadora do JEX, que apesar de tão jovem já conta com uma grande experiência que é coordenar o Programa. Para ela:

É um orgulho fazer parte de um projeto como o Jovem de Expressão, tanto como Rayane, pessoa, mas também como educadora. Acredito muito na transformação com ferramentas da educação. A educação começa com a ferramenta de transformação, junto com a cultura. Coordenar um projeto igual o JEX para mim é dar sentido na minha formação (SOARES, 2022).

A importância da compreensão ampla e multidimensional da “Educação” revela que, para ela, a educação vai além da sala de aula. A Educação começa com a transformação territorial, sociopolítica, sua formação como cidadã e a promoção da sociabilidade.

É interessante notar também que esse protagonismo é conferido, ainda, ao que podemos chamar de Sociedade Civil não organizada – aos cidadãos e cidadãs, de forma geral, que foram apontados como os atores mais importantes por quase 25% dos respondentes. É, por outro lado, preocupante e bastante reveladora a percepção de que o Governo Federal (2,4%), a Administração da Ceilândia (4,9%) e o Governo do Distrito Federal (GDF) (12%) estejam entre os atores considerados menos importantes nos processos de transformação socioterritorial da comunidade. Isso pode ser atribuído, em grande medida, à crescente percepção de abandono e desamparo por parte do poder público, que marca a história de desenvolvimento socioterritorial no Brasil (BOULLOSA et. al, 2021).

Gráfico 12 - Posicionamento em relação à proposta de retomada do Galpão Cultural, prédio conquistado pelo Jovem de Expressão.

Em outubro de 2021, a Administração Regional da Ceilândia informou que queria retomar o uso do prédio (Galpão Cultural) reformado e utilizado pe...o você se posiciona com relação a essa proposta?
41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Em relação à ameaça da Administração Regional de Ceilândia em outubro de 2021 que informava a retomada do prédio conquistado pelo Jovem de Expressão, o Galpão Cultural, espaço que está sendo utilizado para exposição de obras de arte

e aulas de dança, 82,9% discordam totalmente da retomada do prédio pela Administração Regional. Em oposição, apenas 7,3% dos respondentes concordam totalmente com a tentativa de retomada do prédio pela Administração de Ceilândia.

Gráfico 13 - Quem será o mais afetado, caso a Administração Regional de Ceilândia consiga retomar o prédio conquistado pelo Jovem de Expressão.

Caso a Administração Regional consiga, de fato, retomar o prédio atualmente utilizado pelo Programa Jovem de Expressão, quem você acha que serão os mais afetados (escolher de 1 a 3)
41 respostas



Fonte: Elaboração do autor, 2022.

Para 61% dos jovens entrevistados, caso a Administração Regional de Ceilândia consiga, de fato, retomar o prédio conquistado pela comunidade do Jovem de Expressão, toda a juventude periférica do Distrito Federal sofrerá com a medida. Isso demonstra uma percepção de que o JEX, ainda que concentre suas atividades na Ceilândia, é um ponto de referência para a juventude periférica como um todo, servindo de inspiração para o desenvolvimento de outros projetos e movimentos em outras regiões administrativas. Já 19,5% acham que a juventude da Ceilândia (que de fato necessita do programa) será a mais afetada pela retomada. Nesse sentido, vale ressaltar que é bastante generalizada (80,5%) a percepção de que a juventude (seja ela da Ceilândia ou do DF) é a principal afetada pelo Programa e, conseqüentemente, por sua possível interrupção.

Segundo a ótica da coordenadora do Jovem de Expressão, a juventude do DF sofreria com a retomada do espaço. Além disso, existe a importância do

financiamento privado diante da falta do poder público, pois os patrocínios privados estão fomentando a luta do Programa há mais de dez anos:

Acredito que a juventude, não só a juventude da Ceilândia, mas a juventude do DF tinha muito a perder se fechasse o espaço igual o Jovem de Expressão. Um dos poucos espaços independentes que mantêm as atividades, há mais de 10 anos, só com a ajuda de patrocínio privado. Um projeto feito por jovens, para jovens, então por isso que acho que esse projeto tem tanto engajamento, não é uma pessoa, são várias pessoas pensando para nós mesmos (SOARES, 2022).

Ainda é pequena a percepção de que, ao beneficiar a juventude, o JEX possa transbordar seus efeitos para as famílias dos/as participantes ou para a cidade de Brasília como um todo. Por outro lado, é interessante notar que nenhum respondente pensa que as consequências do JEX se restringem aos/às participantes diretos/as do Programa.

Por fim, a última pergunta da parte III do *survey* foi feita para entender quais foram as principais mudanças que aconteceram no JEX/RUAS/Praça do Cidadão depois do início da pandemia de Covid-19 (março de 2020), na percepção da juventude participante e/ou que mudanças os jovens gostariam de ver. Abaixo, constam algumas das 41 respostas obtidas:

Agravamento da falta de acesso para a população periférica, jovem ou não. Ações contínuas como o JEX, que vem de dentro da comunidade, são extremamente importantes na busca de redução de danos (Respondente 2, 2022).

Gostaria que o JEX continuasse funcionando por saber da sua importância sociocultural e inclusive por ter tido contato com pessoas que foram positivamente incentivadas pelo projeto, seja na fotografia, na edição de vídeo, dança e também em outras áreas do conhecimento, com suas oficinas. O Jovem de Expressão é muito importante para a vida de muitas pessoas, gerando renda, empregabilidade, sendo porta-voz de minorias, encontrando fissuras e através delas possibilitando esperança para gerações futuras numa realidade pandêmica bem difícil (Respondente 3, 2022).

Acredito que o acesso à cultura e educação que o JEX proporciona são de extrema importância para os jovens da periferia, dando outra visão de mundo a eles. Eu pude contribuir para o projeto quando as Atléticas da UnB fizeram uma doação a RUAS, podendo ajudar as famílias que são atendidas por eles. Mais ações como essa são

necessárias. Gostaria de ver o GDF contribuindo mais ativamente, a comunidade cobrando esse tipo de iniciativa. Serem porta voz. (Respondente 4, 2022).

Esses três depoimentos mostram exemplos concretos das consequências percebidas pela juventude quanto à atuação do JEX e do efeito do programa nas gerações que passaram e ainda vão passar e usufruir da política educacional ofertada gratuitamente para os jovens da cidade.

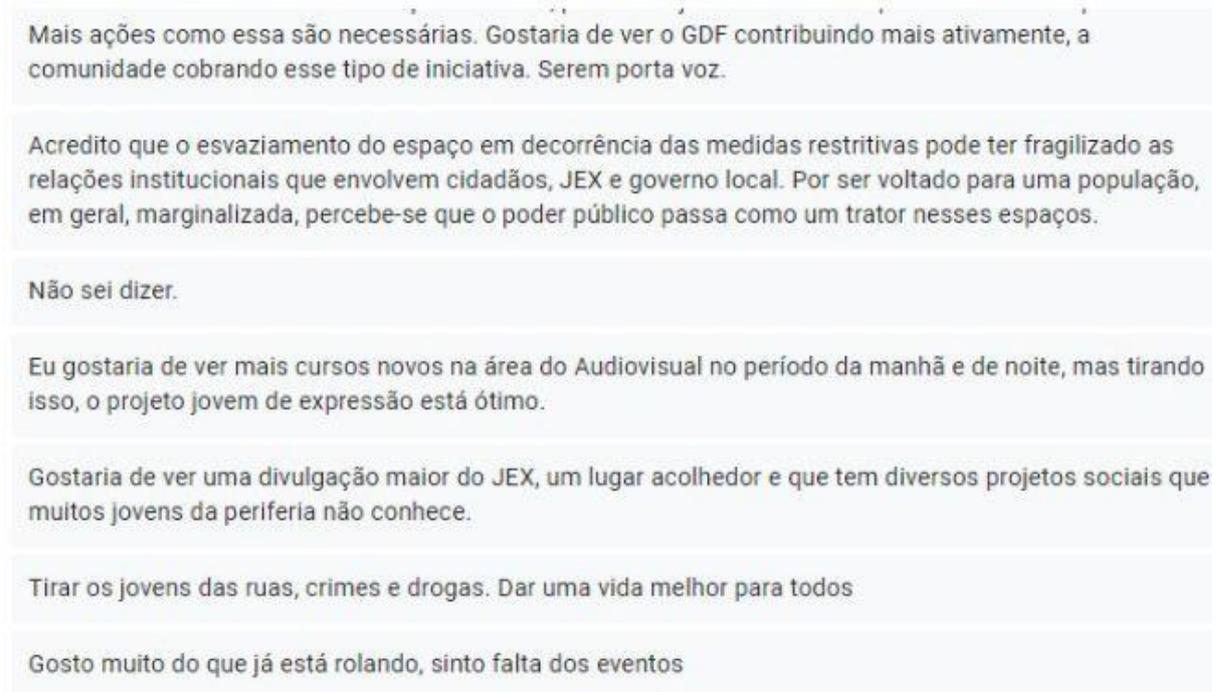


Figura 2 - Comentários sobre as mudanças durante a pandemia de Covid-19 e mudanças que os jovens gostariam de ver no Jovem de Expressão. Elaboração do autor, 2022.

De acordo com as respostas, é um fato o sentimento de abandono, a falta de relações institucionais com o público jovem periférico de Ceilândia, a escassez de estímulos vindos do poder público é sentida na periferia, como um respondente disse: “*o poder público passa como um trator nesses espaços*”. Isso é o contrário do esperado por uma sociedade quanto ao poder público. A atuação dele na periferia é para destruir, passar por cima e não estimular ou promover a potência dos jovens da periferia.

Além do sentimento de abandono por parte do poder público, o Programa vê um preconceito por parte dos próprios moradores de Ceilândia. O JEX vem

ressignificando estereótipos como o de jovens negros reunidos serem algum tipo de gangue.

Uma questão feita para a Rayane, coordenadora do Jovem, foi se houve alguma transformação na “imagem” da Praça do Cidadão ou JEX/RUAS durante esse longo tempo de atuação do Programa na Ceilândia, como a população da cidade passou a enxergar a juventude que frequenta a praça. Para Soares (2022), a juventude periférica ainda é bastante marginalizada e:

A princípio quem não entende, não conhece, não vai lá ver (na Praça do Cidadão) o que o Jovem de Expressão faz, tende a ter esse olhar preconceituoso de achar que são jovens que não tem nada para fazer e que estão lá fazendo qualquer outra coisa ao invés de achar que estão criando. O Jovem de Expressão sofre, por um lado, desse preconceito de quem não conhece achar que a gente tá engajando em ações erradas como o uso de drogas. Mas se a gente for ver ao fundo é preconceito e racismo, inclusive, porque o espaço é formado por grande maioria de jovens periféricos, feito por jovens periféricos, na sua grande maioria, jovens negros, então, jovens negros reunidos são vistos como gangue, pessoas que estão lá fazendo o mal, nós estamos aqui para quebrar esses estereótipos (SOARES, 2022).

Esses olhares marginalizados para juventude da periferia os tornam grupos marginais aos padrões de normalidade sociocultural (MEDONÇA, 2013). São minorias excluídas dentro da própria periferia, pois não conseguiram se definir em torno dessa “normalidade” e são vistos como atores que praticam ações erradas vistas pela ótica da maioria da sociedade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender as mudanças e transformações na Rede Urbana de Ações Socioculturais – RUAS durante a pandemia de Covid-19, foi necessário enxergar as mudanças na ótica da teoria da mudança (*policy change*) em políticas públicas. O Programa Jovem de Expressão (JEX) pode ser entendido como uma experiência ou até mesmo “política pública” elaborada por atores não estatais com pouco “poder” diante do Estado e da própria Sociedade, mas conseguem implementar importantes transformações socioculturais e socioterritoriais na Ceilândia-DF.

O Jovem de Expressão/RUAS é analisado como um Programa realizado por jovens e feito para os jovens, que conseguem cumprir com a finalidade da mudança

social diante do vácuo deixado pelo Estado na periferia, sobretudo em meio à crise imposta pela Covid-19.

A pesquisa problematizou a centralidade do Estado que é entendido como único (ou principal) ator promotor de mudanças no âmbito da *policy change*. O que a pesquisa revela é que, em meio à situação de crise sob a qual estão submetidas as periferias do DF, outros atores surgem e conseguem entender a problemática vivenciada, formulando políticas públicas e estratégias de ação para a juventude e para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Por outro lado, um risco se coloca: a romantização da atuação de atores da sociedade civil que não são considerados formuladores de políticas públicas, pois estão tendo que formular políticas no lugar do Estado, por falta da atuação deste para a juventude da periferia.

A falta de investimento e/ou apoio do poder público para a juventude e para as periferias intensifica a relevância dos elementos de participação em redes de apoio, movimentos sociais e experiências públicas trazendo uma diversidade para o campo de luta e aumentando esse engajamento de transformação da realidade vivida do jovem periférico.

Deste modo, com o caso do Jovem de Expressão/RUAS, compreendeu-se também como os movimentos sociais precisam sempre estar em constante movimentação e não abandonar suas agendas de luta e resistência, pois, mesmo em situações de risco como a pandemia de Covid-19, o poder público pode se tornar agente de dissolução da periferia, desperdiçando anos de trabalho e esforço de transformação do território.

Outro desafio relacionado à *policy change* é entender qual problema está sendo tratado na hora de formular a política pública. Para a RUAS, o problema central durante o período da pandemia foi deixar de lado sua “missão” e ter que começar do zero, como os primeiros movimentos sociais faziam, arrecadando cestas básicas e produtos de higiene para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Uma mudança drástica deixando um pouco o papel de transformar a realidade sociocultural do jovem e pensando além na necessidade da periferia diante o vácuo deixado pelos atores políticos.

Diante dessa análise sobre as mudanças e transformações pela ótica da teoria da mudança (*policy change*) sobre a RUAS e o Programa Jovem de Expressão, especialmente após as análises da construção de dados, da

interpretação da percepção dos jovens e da coordenadora do JEX, pode-se concluir que grandes transformações podem emergir de atores “pequenos” e com pouco ou nenhum poder. Assim, esta pesquisa aponta para uma nova e relevante agenda de pesquisa, interessada em propor um novo olhar de autoridades políticas e de pesquisadores para pequenos coletivos urbanos do Distrito Federal que, apesar da falta de recursos e de seu tamanho reduzido, existem de forma potente e são capazes de reunir a juventude e ativar os territórios periféricos, para mudar a realidade socioterritorial e sociocultural das periferias, como no caso do JEX/RUAS e sua atuação na Ceilândia/DF. São experiências e políticas públicas vividas e feitas por jovens e para jovens que, mesmo sem o reconhecimento do Estado, se provam capazes de transformar a própria realidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, 1994 apud LEÓN. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. p. 6, 2005.

ALMEIDA, Renato S. **Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo**, 2013.

ANDION, Carolina. **Atuação da sociedade civil no enfrentamento dos efeitos da COVID-19 no Brasil**. Revista de Administração Pública. p. 937, 2020.

ANDRADE, Carla. **ENTRE GANGUES E GALERAS: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. p. 49, 2007.

BARBOSA, Frederico da Silva; JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. **Políticas Sociais no Brasil: Participação Social, Conselhos e Parcerias**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. p. 373, 2016.

BAUMGARTNER, F. R. **Ideas and Policy Change**. Governance, 26(2), 239–258, 2012. doi:10.1111/gove.12007

BOULLOSA, et al. **Subtração da Gestão de Políticas Públicas no Contexto Pandêmico: os desdobramentos de um desamparo público agravado pela Covid-19**. RIGS, 2021.

CARLOS, Euzeneia. **MOVIMENTOS SOCIAIS E INSTITUIÇÕES PARTICIPATIVAS. Efeitos do engajamento institucional nos padrões de ação coletiva**. p. 84, 2015.

CASTRO, M.G. e ABRAMOVAY, M. **Por um novo paradigma do fazer políticas – políticas de/para/com juventudes.** p. 20, 2002.

CODEPLAN. **Lago Sul tem a renda mensal mais alta do DF.** 2016. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/lago-sul-tem-a-renda-mensal-mais-alta-do-df/>

CODEPLAN. **Perfil da população jovem do Distrito Federal.** 2020. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/2020.05.06.Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-jovem-do-Distrito-Federal.pdf>

CODEPLAN. **População jovem do Distrito Federal.** 2020. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Populacao-jovem-do-Distrito-Federal.pdf>

CODEPLAN. **Dados e estatísticas norteiam GDF nas ações contra o coronavírus.** 2020. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/dados-e-estatisticas-norteiam-gdf-nas-acoes-contra-o-coronavirus/>

GALVÃO, Walter. Covid-19: **Câmara Legislativa prorroga estado de calamidade pública no DF até dezembro de 2021.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/16/covid-19-camara-legislativa-prorroga-estado-de-calamidade-publica-no-df-ate-dezembro-de-2021.ghtml>

GALVÃO, Walter. **Ceilândia sofre com a covid-19 e lidera ranking de casos e mortes no DF.** Correio Braziliense, 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/06/19/interna_cidade_sdf,865062/ceilandia-sofre-com-a-covid-19-e-lidera-ranking-de-casos-e-mortes-no-d.shtml

G1, DF. **Ceilândia, região mais afetada pela Covid-19 no DF, concentra 22% das mortes na capital.** Portal G1 de Noticias, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/07/01/ceilandia-regiao-mais-afetada-pela-covid-19-no-df-concentra-22percent-das-mortes-na-capital.ghtml>

IBGE. **DESIGUALDADES SOCIAIS POR COR OU RAÇA NO BRASIL.** IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018.

IBGE. **Secretaria Nacional de Juventude.** 2021. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/brasil-em-pauta/2021/08/jovens-entre-15-e-29-anos-correspondem-23-da-populacao-brasileira#:~:text=No%20AR%20em%2008%2F08,de%2047%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.>

INSTITUTO LOWY. **Brasil fez a pior gestão do mundo na pandemia.** 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-fez-a-pior-gest%C3%A3o-do-mundo-na-pandemia-diz-estudo/a-56369231>

JACQUINET, Marc. **O que é a “teoria da mudança”?** Lisboa, Universidade Aberta, 2021.

MACHADO, Neila. **Pandemia, fome e miséria: uma relação destruidora.** Página 2, 2020. Disponível em: https://cisama.sc.gov.br/assets/uploads/7b853-artigo_pandemia_fome_miseria.pdf

MENESES, de Celimar. **Fundo de Apoio às Periferias arrecada quase R\$ 20 mil para doações.** Correio Braziliense, 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/06/02/interna_cidade_sdf,860475/fundo-de-apoio-as-periferias-arrecada-quase-r-20-mil-para-doacoes.shtml

MENDONÇA, Viviane. **Uma análise sobre as relações entre educação, juventude e movimentos sociais: o hip hop brasileiro.** p. 76, 2013.

MIDDLEJ E SILVA, Suylan de Almeida. **REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS E O RESGATE DA ESFERA PÚBLICA.** p. 93, 2010.

NASCIMENTO et al. **Dia da Juventude: entenda a importância dos jovens para a sociedade.** 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/dia-internacional-da-juventude/#:~:text=Os%20jovens%20sempre%20desempenham%20papel,sociais%20e%20internet%20em%20geral!>

NUNES, Christiane Girard Ferreira; PERES, Janaina Lopes Pereira; SILVA, Pedro Henrique Isaac. **A pluralidade dos movimentos sociais (em temáticas de políticas públicas espaciais)**, pp. 337-368. In: STEINBERGER, Marília (Org.) Território, agentes-atores e políticas públicas espaciais. Brasília: Ler Editora, 2017.

PERES, Janaina Lopes Pereira. **Reinterpretando o fluxo de políticas públicas a partir da experiência: do pragmatismo crítico ao Hip Hop da Ceilândia/DF** (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – PPGDSCO, Universidade de Brasília – UnB, 2020.

PERES; CAMARGO; SILVA LARANJA e SILVA. **Comorbidades sociais e Covid-19: a desigualdade como desafio da gestão pública em tempos de crises.** p. 37, 2021. Disponível em: <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/6492>

PICAPS/Fiocruz Brasília. **Radar de Territórios COVID-19 DF.** 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/08/2020_07_26_Boletim_Ceilandia-final.pdf

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter.** p. 32, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/Kvxg4btPzLYdxXk77rGrmJS/?format=pdf&lang=pt>

RIBEIRO, Luana. **Políticas Públicas para Juventude no Brasil: um estudo no Programa Jovem Aprendiz (2005-2018).** Revista Iniciativa Econômica, 2020.

RIOS, Alan. **Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no DF.** Correio Braziliense, 2020. Disponível em:
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/07/interna_cidade_sdf,832774/ministerio-da-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-no-df.shtml

SAMPAIO, Alerte. **OFÍCIO Nº 344/2021-CESC.** COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E CULTURA, CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL, 2021.

SECUNHO, Rafael. **Como o DF enfrentou a primeira onda da pandemia.** Agência Brasília, 2020. Disponível em:
<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/12/19/como-o-df-enfrentou-a-primeira-onda-da-pandemia/>

SOUSA. **BEM ANTES DA ELEIÇÃO: Uma análise da campanha permanente promovida por Bolsonaro durante a 55ª legislatura (2015-2018).** Com Política 8, FAC/UNB, 2019.

SPOSITO, Marília e CARRANO, Paulo. **Juventude e políticas públicas no Brasil.** Página 24, 2003. **Seção I - Disposições Gerais, artigo 37** - Constituição Federal, 1988.

TATAGIBA, Luciana; ABERS, Rebecca e SILVA, Marcelo. **MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS: REPENSANDO ATORES E OPORTUNIDADES POLÍTICAS.** p. 17, 2018.

TAVARES; JÚNIOR E MAGALHÃES. **Análise dos discursos do Presidente Jair Bolsonaro em meio à pandemia: o coronavírus é só uma “gripezinha”?** p. 7, 2020.

WEISS, C. H. **Nothing as practical as good theory: Exploring theory-based evaluation for comprehensive community initiatives for children and families. New approaches to evaluating community initiatives: Concepts, methods, and contexts,** 1, 65-92, 1995.